



**•NOVA•  
UCSAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**  
Programa de Pós Graduação em Planejamento Ambiental  
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental

**ANA EMILIA ROSA CAMPOS**

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES FORMANDOS DE  
ENFERMAGEM Da UCSal (Matriz curricular 2010.2)**

Salvador - BA

2018

**ANA EMILIA ROSA CAMPOS**

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES FORMANDOS DE  
ENFERMAGEM da UCSal(Matriz curricular 2010.2)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Ambiental do Programa de Pós Graduação em Planejamento Ambiental (PPGPA) da UCSal. Linha de Pesquisa: Compreensão e atenuação de comprometimentos históricos, políticos, socioeconômicos e geográficos no planejamento ambiental.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Cesar Lima Peres

Salvador - BA

2018

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

C198 Campos, Ana Emília Rosa

Percepção ambiental dos estudantes formandos de enfermagem da UCSal/ Ana Emília Rosa Campos.\_ Salvador, 2018.  
93 f.

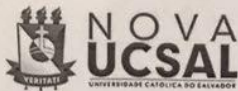
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental.

Orientadora: Prof. Dr. Marcelo Cesar Lima Peres.

1. Planejamento ambiental 2. Estudantes de Enfermagem  
3. Saúde ambiental I. Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação II. Peres, Marcelo  
Cesar Lima – Orientador III. Título

CDU 504:37-057.875





UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação  
Programa de Pós-graduação em Planejamento Ambiental  
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental

TERMO DE APROVAÇÃO

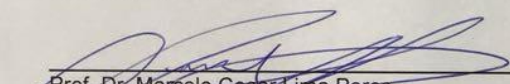
ANA EMILIA ROSA CAMPOS


Percepção Ambiental dos Formandos de Enfermagem da UCSAL.

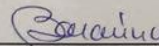
Dissertação aprovada como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Ambiental.

Salvador, 05 de março de 2018

Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Marcelo Cesar Lima Peres  
Universidade Católica do Salvador - UCSAL  
Doutor em Ecologia

  
Prof.ª. Dr.ª. Katia Regina Benati  
Universidade Católica do Salvador - UCSAL  
Doutora em Ecologia

  
Prof.ª. Dr.ª. Tânia Márcia Baraúna Teixeira  
Universidade Católica do Salvador - UCSAL  
Doutora em Educação e Sociedade

Dedico este trabalho aos Enfermeiros, profissionais que são capazes de promover um cuidado ecológico.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que com seu imenso poder criou o Meio Ambiente para que pudéssemos habitá-lo com qualidade de vida.

A Pedro e Lucas, meus filhos, parceiros eternos, que me incentivam constantemente em qualquer novo caminho que decido trilhar. Obrigada pelo apoio incondicional.

Ao Prof. Dr. Marcelo Peres, meu orientador, meu “Ori”, que com sua leveza de ser, estive profundamente ao meu lado durante todo o percurso.

A Universidade Católica do Salvador, por me proporcionar mais uma oportunidade de avançar no conhecimento.

À Prof. Dra. Tânia Baraúna, mãe deste Projeto, que sempre me aponta possibilidades que vão além do que posso enxergar.

A Suraya, aquela que deu início a tudo, gratidão eterna.

A Maria Helena Rios, companheira do meu primeiro e do segundo mestrado, sempre ao meu lado. Obrigada amiga.

Aos colegas de turma do Mestrado em Planejamento Ambiental, que estiveram ao meu lado nos momentos necessários.

A Lívia, minha mais nova amiga que o Meio Ambiente me deu.

Aos meus alunos e ex-alunos Enfermeiros, que me inspiram a ir cada vez mais longe; o meu respeito.

Aos formandos de enfermagem, que dividiram comigo parte de suas histórias sobre a sua formação profissional.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho, que já nem esperava sonhar.

*“Ao falar da influência do homem sobre o meio ambiente, não podemos esquecer de que também fazemos parte dele”.*

**Jacques Cousteau**



## RESUMO

A crise socioambiental é um desafio para os profissionais da saúde devido aos efeitos das alterações ambientais na saúde da população. A forma como o profissional cuida desse meio depende da percepção ambiental que tem do mesmo. Trata-se de um estudo de caso, do tipo descritivo com abordagem qualitativa, de corte transversal. Objetivo geral: Identificar e analisar como os formandos de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador percebem a conexão entre o meio ambiente e a saúde da população. O estudo foi realizado em uma Universidade de Salvador - BA, com 21 formandos do curso de enfermagem. Utilizou-se observações e entrevistas como instrumentos de coleta. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base no referencial metodológico de Análise de Conteúdo proposto por Bardin. A percepção ambiental predominante é reducionista, e embora os formandos percebam o meio como propagador de doenças, não conseguem referir nenhum tipo de cuidado no que tange às ações concretas de proteção, conservação e zelo com o ambiente. Os alunos percebem que sua formação é mais voltada para a assistência curativa, não se sentindo preparados para trabalhar com as comunidades no sentido da promoção e prevenção da saúde, mesmo indo na direção oposta ao PPC do curso. Recomenda-se rever as práticas docentes em relação à inclusão da dimensão ambiental nas salas de aula, nos estágios, em atividades de extensão e em atividades interdisciplinares. A sensibilização/ação dos alunos e docentes permitiria uma percepção mais abrangente do meio ambiente, incluindo a necessidade de cuidar do mesmo, favorecendo práticas de cuidado na construção de ambientes mais saudáveis.

**Descritores:** Planejamento ambiental; Estudantes de Enfermagem; Saúde ambiental.

## ABSTRACT

The socio-environmental crisis is a challenge for health professionals due to the effects of environmental changes on the health of the population. The way the professional takes care of this environment depends on the environmental perception that it has of it. This is a descriptive case study with a qualitative, cross-sectional approach. General objective: To identify and analyze how the Nursing graduates of the Catholic University of Salvador perceive the connection between the environment and the health of the population. The study was carried out at a University of Salvador - Bahia, with 21 trainees from the nursing course. Observations and interviews were used as instruments of collection. The interviews were recorded, transcribed and analyzed based on the methodological framework of Content Analysis proposed by Bardin. The predominant environmental perception is reductionist, and although the trainees perceive the environment as a propagator of diseases, they can not mention any kind of care regarding the concrete actions of protection, conservation and zeal with the environment. Students realize that their training is more geared towards curative care, not feeling prepared to work with communities towards health promotion and prevention, even going in the opposite direction to the PPC course. It is recommended to review teaching practices regarding the inclusion of the environmental dimension in classrooms, in the stages, in extension activities and in interdisciplinary activities. The sensitization / action of the students and teachers would allow a more comprehensive perception of the environment, including the need to care for it, favoring care practices in the construction of healthier environments

**Keywords:** Environmental planning; Nursing students; Environmental health

## RESUMEN

La crisis socioambiental es un desafío para los profesionales de la salud debido a los efectos de los cambios ambientales en la salud de la población. La forma en que el profesional cuida de ese medio depende de la percepción ambiental que tiene del mismo. Se trata de un estudio de caso, del tipo descriptivo con abordaje cualitativo, de corte transversal. Objetivo general: Identificar y analizar cómo los graduados de Enfermería de la Universidad Católica del Salvador perciben la conexión entre el medio ambiente y la salud de la población. El estudio fue realizado en una Universidad de Salvador - BA, con 21 graduados del curso de enfermería. Se utilizaron observaciones y entrevistas como instrumentos de recolección. Las entrevistas fueron grabadas, transcritas y analizadas con base en el referencial metodológico de Análisis de Contenido propuesto por Bardin. La percepción ambiental predominante es reduccionista, y aunque los formandos perciben el medio como propagador de enfermedades, no logran referir ningún tipo de cuidado en lo que se refiere a las acciones concretas de protección, conservación y celo con el ambiente. Los alumnos perciben que su formación está más orientada a la asistencia curativa, no sintiéndose preparados para trabajar con las comunidades en el sentido de la promoción y prevención de la salud, incluso en la dirección opuesta al PPC del curso. Se recomienda revisar las prácticas docentes en relación a la inclusión de la dimensión ambiental en las aulas, en las etapas, en actividades de extensión y en actividades interdisciplinarias. La sensibilización / acción de los alumnos y docentes permitiría una percepción más amplia del medio ambiente, incluyendo la necesidad de cuidar del mismo, favoreciendo prácticas de cuidado en la construcción de ambientes más saludables.

**Descriptor:** Planificación ambiental; Estudiantes de Enfermería; Salud ambiental.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Gráfico 1</b> – Características de sexo dos formandos de Enfermagem, UCSal, 2017 .....	52
<b>Gráfico 2</b> – Box plot da variável idade dos formandos de enfermagem, UCSal, 2017.....	53
<b>Gráfico 3</b> – Características dos formandos de enfermagem segundo a situação conjugal, UCSal, 2017.....	54
<b>Gráfico 4</b> - Distribuição do tipo de Percepção ambiental dos formandos de enfermagem, UCSal, 2017.....	55
<b>Gráfico 5</b> – Frequência das alterações ambientais referidas pelos formandos de enfermagem sobre meio ambiente e saúde, UCSal, 2017.....	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL .....</b>	<b>13</b>
2.1.1 CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE .....	16
2.1.2 ESTUDOS SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL .....	19
<b>2.2 CONEXÃO: SAÚDE DAS POPULAÇÕES E SAÚDE AMBIENTAL ...</b>	<b>25</b>
2.2.1 SAÚDE AMBIENTAL .....	27
2.2.3 SANEAMENTO BÁSICO E SAÚDE .....	29
<b>2.3 A FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS: INDO ALÉM DO MODELO ...</b>	<b>34</b>
2.3.1 A ENFERMAGEM E O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE .....	36
2.3.2 A SAÚDE AMBIENTAL E A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM .....	39
2.3.3 A ENFERMAGEM E O TRABALHO COM AS COMUNIDADES .....	42
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>47</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL: CONCEPÇÕES DO MEIO AMBIENTE .....</b>	<b>53</b>
.....	
<b>4.2 CUIDAR DO AMBIENTE: ALTERAÇÕES AMBIENTAIS E AS DOENÇAS .....</b>	<b>58</b>
<b>4.3 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: FORMAÇÃO: CENTRADA NA DOENÇA</b>	<b>61</b>
<b>4.4 ENFERMAGEM E COMUNIDADE: ATUAÇÃO LIMITADA .....</b>	<b>64</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
<b>APENDICE A: Produto final .....</b>	<b>80</b>
<b>APENDICE B: Instrumento de Pesquisa .....</b>	<b>85</b>
<b>APENDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>88</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*“Um crescimento ilimitado num planeta finito é impossível.”*

*Fritjof Capra*

A amplitude e a complexidade da problemática ambiental vêm exigindo cada vez mais a integração de áreas diferentes do conhecimento, para compreender a crise ambiental e seus efeitos sobre o bem-estar físico e mental do ser humano.

A necessidade de práticas efetivas de conservação e proteção, passam a assumir um papel decisivo nas medidas que dizem respeito à promoção da saúde das populações (AYACH et al., 2012), e a saúde ambiental passa a ter como desafio promover uma melhor qualidade de vida dos indivíduos.

Dessa forma, a compreensão da conexão entre a saúde e o meio ambiente, transforma-se na base para as ações em saúde, corroborando a importância da indissociabilidade entre eles. Dentro dessa perspectiva, os profissionais de saúde, e entre eles, os enfermeiros, precisam integrar a dimensão ambiental em sua formação e em suas práticas, pois somente com uma visão integrada de meio ambiente/saúde é possível estabelecer uma relação complexa de cuidados, que visem à promoção da sustentabilidade ambiental. Por este motivo, é fundamental que os profissionais da saúde tenham uma percepção mais ampla da relação meio/saúde (BACKES et al., 2011; CECCHIN; LIMBERG, 2011; OLIVEIRA, 2012; DICTORO et al., 2016).

Após quase 20 anos como docente do curso de enfermagem, a escolha da temática pela autora visou alcançar a interdisciplinaridade entre a psicologia, a enfermagem e as conexões entre o meio ambiente e a saúde, no momento da formação dos alunos.

Dentro desta perspectiva, os estudos sobre a percepção ambiental puderam contribuir para analisar a forma como os sujeitos concebem o meio ambiente e suas ações, refletindo a sua sensibilização com a crise socioambiental.

Estudos sobre a percepção ambiental podem ser utilizados como ferramentas metodológica para projetos de gestão e planejamento, inclusive na área da saúde, colaborando na compreensão do homem em suas ações com o meio ambiente,

envolvendo uma tomada de consciência, e mudanças de atitudes éticas e também afetivas com o meio (CECCHIN; LIMBERG, 2011; OLIVEIRA, 2012; DICTORO et al., 2016).

Dentro desse contexto, este estudo se propôs a conhecer a percepção ambiental dos estudantes formandos de enfermagem da Universidade Católica do Salvador, visando identificar a forma como eles percebem o ambiente e sua correlação com a saúde das populações. Para tanto, tomou-se como pergunta norteadora do estudo: como os formandos de enfermagem da UCSal percebem a conexão/relação saúde e meio ambiente?

Como objetivo geral foi estabelecido: Identificar e analisar como os formandos de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador percebem a conexão entre o meio ambiente e a saúde da população.

E como objetivos específicos: 1) Identificar a percepção dos formandos sobre o conceito de meio ambiente; 2) Verificar como os formandos percebem a relação entre o cuidado com o meio ambiente, saneamento básico e da saúde da população; 3) Verificar se durante a graduação a dimensão ambiental foi contemplada; 4) Identificar se os formandos de enfermagem se sentem preparados para atuar junto as comunidades em relação aos problemas ambientais que podem desencadear doenças.

Como se trata de um curso de Mestrado Profissional, foi criado como Produto Final, a CAMPANHA AROEIRA onde foram sugeridas estratégias de ação para mitigar as vulnerabilidades diagnosticadas.

A partir da imersão na temática meio ambiente e saúde, a pesquisadora pôde repensar sua prática docente, permitindo dessa forma, uma postura mais crítica e engajada quanto ao compromisso ético de ser docente e de sua responsabilidade com a formação dos enfermeiros e do cuidado com o meio ambiente.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*(...) através do conhecimento que o indivíduo consciente muda sua forma de se relacionar com o meio, de maneira a conservar os bens naturais para as gerações futuras e a transformar os construtos ambientais, historicamente elaborados pelo homem, em uma sociedade mais justa.”*

*Paulo Freire*

### 2.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Um dos campos de estudo da psicologia é a percepção, que é o caminho de se obter informações sobre o mundo interno e externo. Essas informações se dão através dos órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar), de maneira seletiva e instantânea, propiciando sensações, que estimuladas se transformam em experiência organizada (OLIVEIRA, 2006; MELAZO, 2015).

As sensações propiciadas passam pelos filtros culturais e individuais para se tornarem percepções e são produto de interesses, de necessidades e de motivações, determinando as tomadas de decisões (OLIVEIRA, 2006). Atitudes e comportamentos são reflexos da percepção que o indivíduo tem a respeito de tudo o que o cerca e a respeito de si mesmo. Partindo da percepção, o indivíduo vai organizar as impressões sensoriais recebidas e atribuir um significado ao percebido (FERNANDES, et al., 2004; PARNAIBA; AGUIAR, 2005; ROHR; MIRANDA, 2010; CECCHIN; LIMBERGER, 2011)

Marin (2008) coloca que o termo percepção é definido na maioria dos dicionários da língua portuguesa como: o ato ou o efeito de perceber; o reconhecimento de um objeto e resposta a estímulos, e seu estudo é importante porque o comportamento das pessoas é baseado na interpretação que fazem da realidade.

Dentro da percepção, uma temática que vem sendo bastante estudada é a percepção ambiental, sendo conceituada como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem. A forma percebida pelo homem do local em que está inserido

é o resultado de suas percepções sensoriais somadas à percepção social, e está condicionada às diferentes condições de vida do ser humano, refletindo dessa forma na condição de saúde (AYACH et al., 2012).

Dictoro et al. (2016) complementam que a percepção ambiental é um processo a partir do qual se organiza e se interpreta a informação sensorial em unidades significativas para configurar um quadro coerente do entorno ou de uma parte dele.

É importante acrescentar que a percepção influencia e é influenciada pelas ações cotidianas, ou seja, pelo ambiente que envolve o homem, impactando diretamente em suas condutas (FERNANDES, et al. 2004; PARANAIBA; AGUIAR, 2005; MELAZO, 2015). Como destacam Cecchin & Limberger (2011), a percepção depende do desenvolvimento intelectual, da cultura, da capacidade de expressar e do sentido histórico e geográfico.

Ao exercitar sua relação com o meio, o homem constrói sua identidade pessoal e social sendo o espaço, a forma de quem o contempla (FERNANDES, et al., 2004; CECCHIN; LIMBERG, 2011).

Melazo (2015) destaca que a percepção ambiental engloba a compreensão das inter-relações meio ambiente e atores sociais, através da expressão de opiniões, de expectativas e de condutas diferentes. Marin (2008) vai além, indicando que a percepção ambiental pode descrever os variados modos de vida reveladores do real sentido de inserção do ser humano no seu ambiente.

De acordo com Oliveira (2006), pode se utilizar o termo percepção do meio ambiente ou percepção ambiental, embora a autora utilize sempre em seus trabalhos, Percepção Ambiental.

A percepção do meio ambiente é fundamental para projetos de gestão e de planejamento (FERNANDES, et al., 2004), em qualquer área, inclusive na área da saúde, pelo fato de ser responsável pela conduta em relação ao meio (PARANAIBA e AGUIAR, 2005), envolvendo uma tomada de consciência, que prioriza atitudes éticas e também afetivas (OLIVEIRA, 2006; CECCHIN e LIMBERG, 2011).

Para Vasco e Zakrzewski (2010), a percepção ambiental fornece subsídios para estratégias de amenização de problemas socioambientais e para a elaboração de implementação de Programas de Educação e Comunicação Ambiental, assegurando assim, a participação social nos processos de gestão ambiental. Trabalhos como os

de Fernandes et al. (2004), Melazo (2005), Oliveira e Corona (2008) e Cecchin & Limberger (2011), demonstram os subsídios oferecidos por estudos com percepção ambiental; e os de Paranaíba e Aguiar (2005), Pereira (2011) e Dictoro et al. (2016) trazem o uso da percepção ambiental na área da saúde.

Trabalhar com percepção ambiental possibilita uma melhor inter-relação homem e ambiente, nos seus julgamentos e nas suas condutas que impactam diretamente em atitudes e comportamentos (FERNANDES, et al., 2004; OLIVEIRA; CORONA 2008). Decisões, conscientes ou não, de alteração do ambiente são realizadas com base na percepção que se tem sobre os recursos existentes, como colocam alguns autores (PARANAÍBA; AGUIAR, 2005; CHAVES et al., 2009; VASCO; ZAKRZEWSKI, 2010; MELAZO, 2015).

Por conseguinte, estudos sobre percepção ambiental, são um meio de compreender como os sujeitos concebem o meio ambiente, suas necessidades e expectativas, como reagem e respondem diferentemente às ações sobre o ambiente em que vivem (PACHECO e SILVA, 2006; OLIVEIRA e CORONA 2008; VASCO e ZAKRZEWSKI, 2010). Logo, análises de como o indivíduo percebe, avalia e é influenciado pelo ambiente, contribuem na tomada de decisões em questões ambientais (FERNANDES, et al., 2004; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

A forma como as pessoas agem e regem sobre o meio em que vivem, resultam da percepção ambiental que tem do mesmo, intervindo na tomada de decisões em relação às questões ambientais. Por este motivo tomou-se as definições de Fernandes et al. (2004), Paranaíba e Aguiar(2005), Oliveira (2006) e Cecchin e Limberg (2011) neste trabalho, que traduzem a percepção ambiental como uma tomada de consciência, que prioriza atitudes éticas e também afetivas em relação ao meio ambiente.

Falar em percepção ambiental é falar em concepção. E cabe considerar que o conceito/concepção de Meio Ambiente é dinâmico e abrangente. Não existe um consenso sobre o conceito entre os autores (REIGOTA, 1991; REIGOTA, 1998; TAMAIO, 2000; SAUVÉ, 2005b; REIGOTA, 2007), tanto no senso comum quanto no meio científico, é observado uma dificuldade de definição exata do termo (DULLEY, 2004; KRZYSCZAK, 2016).

### 2.1.1 CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE

Dulley (2004) conceitua o meio ambiente como dinâmico, constituído pelas relações entre seus elementos componentes, tanto vivos como não vivos. Para ele, meio ambiente seria as condições externas das quais um organismo, uma comunidade ou um objeto existe, ligado a cada espécie em particular.

Para Tamaio (2000), o conceito de meio ambiente vai além do meio físico, e inclui o social, o cultural e o político, sempre considerando as interrelações do meio natural com o social. Para Reigota (1991, 2007), meio ambiente é um lugar determinado no tempo com elementos naturais e sociais que mantêm relações e interações.

Como compreende Oliveira (2006), meio ambiente é aquilo que contorna o homem, é o natural e o construído, o perto e o distante, o que se ama; sendo portanto, o social, o religioso, o concreto e o abstrato, o visível e não visível. Krzysczak (2016) o qualifica quanto ao seu aspecto natural, artificial, cultural e do trabalho, demonstrando sua abrangência, mesmo sendo por definição, unitário.

Outro ponto de relevância seriam as concepções de Meio Ambiente e Natureza, que embora diferenciadas, são complementares na visão de diferentes autores, sendo o conceito de Meio Ambiente mais amplo (SAUVÉ, 2005a; SAUVÉ, 2005b; DULLEY, 2004; REIGOTA, 2007). Para Dulley (2004), a diferença se daria ao fato de que o meio ambiente teria uma conotação mais prática ou de utilidade, não só para o homem, mas também para qualquer espécie.

Krzysczak (2016) alerta que quando se fala em conceituar o meio ambiente, deve se tomar cuidado para não estabelecer visões estanques do mesmo, pois se corre o risco de restringir a sua abrangência, tendo em vista que o termo é bastante utilizado nos meios de comunicação, nos discursos políticos e nos livros didáticos. Complementando, Reigota (1991; 2007) pontua que o conceito não é passivo nem simples, mas sim complexo e múltiplo.

Assim sendo, meio ambiente não é um tema, e sim uma realidade cotidiana e vital, como coloca Sauvé (2005a; 2005b) culturalmente e contextualmente determinado, socialmente construído, escapando a qualquer defini o precisa, global e contextual.

Na visão de Dullely (2004), meio ambiente seria toda a relação entre os seres e as coisas, e depende do conhecimento e da cultura. Para o autor, no caso dos seres humanos, o meio ambiente seriam as cidades, natureza modificada pelo homem, meio ambiente construído.

Pela amplitude do conceito de Meio Ambiente, Sauvé (2005b) chama a aten o para a necessidade de um enfoque interdisciplinar, no desenvolvimento de uma visão sist mica e global, devendo sempre ser abordado conjuntamente para que olhares possam ser convergidos. Lima e Oliveira (2011) advertem que diante da complexidade ambiental, seria difícil uma prática interdisciplinar que pudesse compreender a dinâmica do meio ambiente na sua plenitude.

Reigota (1991) pontua que a concep o de meio ambiente sofre influência da forma o profissional do indivíduo, de suas vivências e do lugar em que ele vive, permitindo distintas interpreta es relacionadas com a experiência vivida pelo indivíduo.

Frente a singularidade da percep o, pesquisadores classificaram distintas concep es de meio ambiente a partir de estudos com diferentes popula es (REIGOTA, 1991; TAMAIO, 2000; SAUVÉ, 2005b; REIGOTA, 2007; OLIVEIRA; CORONA, 2008; SILVA, 2009, SOUSA, 2013). Com essas classifica es, os autores não pretenderam estabelecer divisões estanques do meio ambiente, mas sim evidenciar que as percep es podem se distinguir sob os diversos ângulos que o meio admite.

Por ser contextual e culturalmente determinado, o meio ambiente para Sauvé (2005b) apresenta diversas concep es: como natureza, como recurso, como problema, como sistema, como lugar em que se vive, como biosfera e como projeto comunitário.

Na concep o utilitarista, o meio   visto como fornecedor de vida, sendo fonte de recursos para o homem e responsável por manter a sobrevivência (RODRIGUES; MALAFAIA, 2009). Seria um espaço de apropria o e usufruto do homem, apresentando uma visão dualística e uma leitura antropoc trica. Sauvé (2005a) e Sousa (2013) colocam que nessa concep o o homem seria um observador externo, e o ambiente concebido como recurso, necessitando ser gerenciado/administrado,

pois não pode falhar no fornecimento. Essa concepção seria uma exploração prática e material da natureza (OLIVEIRA; CORONA, 2008; KRZYSCZAK, 2016).

O meio visto como algo belo e enaltecido, estaria dentro da concepção romântica, estando sempre em equilíbrio perfeito em um estado de bondade, sem espaços para relações de desarmonia ou degradações. Nota-se uma grandiosidade do meio ambiente e de beleza estética (RODRIGUES; MALAFAIA, 2009). Nessa concepção, o homem está excluído. Para Tamaio (2000) esta concepção é fortemente influenciada pela mídia.

A generalizante, é uma forma pragmática de visão, definido de maneira bastante ampla e/ou abstrata, onde “tudo” é visto como natureza, ou seja, o que ainda não foi transformado pelo ser humano (TAMAIIO, 2000). Na concepção naturalista, bem próxima da generalizante, o meio é percebido como intacto, como aquele que não sofreu ainda nenhuma ação de transformação pelo homem. Seria um espaço composto por elementos naturais e sociais, mas sem evidenciar qualquer relação entre eles, como aponta Reigota (2007).

A concepção reducionista, apresenta a ideia de meio ambiente restrita aos aspectos físicos naturais, como a água, o solo, as rochas, o ar, a fauna e a flora, excluindo o ser humano de todas as suas produções. Essa concepção aproxima da generalizante e da naturalista. Não há nesta concepção, o enaltecimento da natureza. Vários autores colocam que essa concepção pode estar relacionada com a vertente ecológica, apresentada no modelo tradicional de ensino (TAMAIIO, 2000; REIGOTA, 2007; SOUSA, 2013).

Por último, Tamaio (2000), conceitua a concepção socioambiental, que apresenta o homem e a paisagem construída como elementos constitutivos da natureza, desenvolvendo uma abordagem histórico-cultural. Compreende que o homem apropria-se da natureza e que o resultado dessa ação é gerado e construído. Essa concepção, assemelha-se ao que Reigota (2007) nomeia como concepção globalizante, aquela que reintegra o homem à natureza, porém muitas vezes o homem surge como um destruidor e responsável pela degradação ambiental.

Para Oliveira e Corona (2008) a percepção de meio socioambiental também assemelha-se a concepção nomeada como abrangente. O meio ambiente seria um

espaço relacional, em que a presença humana, é vista como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural.

O que pode ser observado é que as concepções são nomeadas de formas diferentes, porém com o mesmo significado. Neste estudo, tomou-se três concepções de meio ambiente:

- ✓ Conceção utilitarista, onde o meio é percebido como fonte de recursos e mantenedor da sobrevivência, logo deve ser administrado. Meio ambiente, nesta concepção é visto como um espaço de propriedade e espaço de exploração.
- ✓ Conceção reducionista, o meio ambiente é percebido quanto aos seus aspectos físicos naturais e o ser humano e suas relações estão excluídos.
- ✓ Conceção socioambiental, o meio ambiente é percebido como um espaço relacional, e o ser humano é um agente que apropria-se desse meio. Nessa concepção o homem é reintegrado ao meio.

É importante levar em consideração que o Meio Ambiente, é percebido de formas diferentes (KRZYSCZAK, 2016), por isso trabalhar com percepção do meio implica na necessidade de compreender as concepções singulares das pessoas envolvidas (REIGOTA, 1991), pois estão sempre relacionadas às experiências de cada um, carregadas de significados e interpretações particulares (REIGOTA, 1991; SAUVÉ, 2005a; KRZYSCZAK, 2016; REIGOTA, 2007).

As concepções diferenciadas das percepções de meio ambiente, estimularam a produção de inúmeras pesquisas (MOLIN et al., 2007; MALAFIA; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; MALAFAIA, 2009; LIMA; OLIVEIRA, 2011; CAMPONOGARA et al., 2011; SOARES et al., 2012; VIERO et al., 2012; PERES et al., 2014; CARDOSO et al., 2015; SILVA et al., 2017). Camponogara et al. (2011) colocam que percepções e concepções acerca de meio ambiente são importantes, pois podem ter influência direta sobre a forma como os sujeitos se relacionam com o meio, inclusive os enfermeiros.

### 2.1.2 ESTUDOS SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Para Fernandes, et al. (2004), a forma como o homem percebe o ambiente, protege e cuida dele vai depender da percepção ambiental que ele tem do mesmo.

Funcionando dessa forma como uma ferramenta de defesa do meio que pode garantir um futuro com mais qualidade de vida, e respeito ao ambiente em que se vive (PARNAIBA; AGUIAR, 2005; MELAZO, 2015). Definindo rumos, critérios, limites e possibilidades às ações e comportamentos pró-ambientais (DICTORO et al., 2016).

Marin (2008) indica como foco das pesquisas em percepção ambiental, as formas com que o ser humano se relaciona com o meio, exprimindo seus modos de viver e redescobrimo seu relacionamento com a natureza, o que permite uma postura mais crítica e sensível capaz de gerar o comprometimento das pessoas, uma afetividade positiva para com o planeta como colocado por Oliveira (2006).

Estudos sobre percepção ambiental são utilizados como elementos para planejamento ambiental, pois a existência de diferenças de percepções dos valores e de sua importância desempenham funções distintas no plano social, nesses ambientes, e as diferenças nas percepções é uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais (FERNANDES, et al., 2004). Podendo ainda ser utilizada como ferramenta metodológica para colaborar na compreensão dos homens e suas ações com o meio ambiente (MELAZO, 2015; DICTORO et al., 2016).

No Brasil, há quase 15 anos, o Núcleo de Estudos em Percepção Ambiental (NEPA) desenvolve projetos voltados à avaliação da percepção ambiental em segmentos formadores de opinião. Esses projetos tornam possíveis avaliar os efeitos percebidos das ações de responsabilidade ambiental e social de uma organização, em suas áreas de influência local ou regional (FERNANDES, et al., 2004), e ainda propor novas metodologias de educação ambiental, utilizando seus resultados.

Em 2010, Vasco e Zakrzewski realizaram uma pesquisa sobre o Estado da Arte das pesquisas sobre percepção ambiental desenvolvida por discentes dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (de 1988 a 2007), encontrando apenas 63 trabalhos acadêmicos (52 dissertações de Mestrado e 11 teses de Doutorado) sobre a temática.

Na Pesquisa Nacional de Opinião realizada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) sobre o que pensa a população brasileira acerca do meio ambiente, 67% dos entrevistados entenderam que a natureza não é algo para ser tocado.



Apresentaram uma concepção de meio restrita aos aspectos físicos naturais (água, o ar, o solo, as rochas, a fauna e a flora), que exclui o ser humano e todas as suas produções. A concepção reducionista ultrapassou a metade dos entrevistados. Ainda na mesma pesquisa, o meio ambiente foi identificado como o 6º principal problema brasileiro (BRASIL, 2001).

As conclusões do estudo de Brasil (2001) apontam que a maioria da população brasileira busca informação sobre o meio ambiente através da televisão, da internet, jornais e rádio. Sendo que, nas colocações de Marin (2008), as informações apresentadas pela mídia sobre o meio ambiente são descontextualizadas.

Malafaia & Rodrigues (2009) realizaram um estudo sobre percepção ambiental com alunos de uma escola Municipal com idades variando entre 19 e 56 anos. Nos seus resultados, a concepção de meio ambiente apresentada ainda é pouco elaborada pelos alunos com faixas etárias variadas. Dos alunos jovens e adultos, foi observado que 81,8% apresentaram uma concepção reducionista e apenas 9,2% uma concepção abrangente, ou seja, socioambiental. Chamou a atenção dos autores, que 63,4% dos alunos não se consideram parte integrante do meio ambiente. Os resultados encontrados podem estar atrelados ao desenvolvimento intelectual e a cultural dos alunos pesquisados, pois de acordo com Cecchin & Limberger (2011), a percepção depende do desenvolvimento intelectual, da cultura, da capacidade de expressar do sujeito e do sentido histórico e geográfico.

Sobre os elevados resultados da concepção reducionista, os autores apontam como um dos motivos o fato do ensino tradicional apresentar dessa forma o meio ambiente em muitos livros didáticos (REIGOTA, 2001; MOLIN et al., 2007; MALAFIA; RODRIGUES, 2009). Cabe salientar, que embora diversos autores concordem que os livros didáticos têm influência direta sobre concepções de meio ambiente, esse é um argumento bastante simplista.

Em outro estudo, no mesmo ano, Rodrigues & Malafaia (2009), os autores trabalharam com uma população diferente, alunos de ensino médio e do curso técnico de meio ambiente. Alunos do ensino médio perfizeram 44,6% na percepção reducionista, relacionando o meio ambiente apenas a aspectos físicos naturais e excluindo o ser humano, o que demonstra que não se veem como parte integrante do meio ambiente.

Os alunos do ensino médio, também se enquadraram na categoria romântica, tanto os da escola pública (16,6%) quanto os da particular (15,9%). A percepção utilitarista apresentou os menores percentuais 12,0% e 5,5% dos alunos matriculados no ensino médio.

Os participantes que eram do curso técnico de meio ambiente, apresentaram uma concepção mais abrangente, não apenas dos aspectos naturais, mas, também, nos resultantes das atividades humanas, resultando na interação de fatores biológicos, físicos, econômicos e culturais. Os autores já esperavam esses resultados pelo fato dos conteúdos específicos oferecidos a esses alunos.

Nota-se uma diferença de resultados nos dois estudos realizados pelos mesmos autores (RODRIGUES; MALAFAIA, 2009; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009) no que diz respeito a percepção reducionista do meio ambiente, sendo que as diferenças estão diretamente relacionadas às populações, alunos do ensino médio e alunos de curso técnico de meio ambiente.

Professores de escolas públicas, pesquisados por Lima & Oliveira (2011) apresentaram uma tendência de 47,9% em relação a concepção de meio ambiente reducionista na qual leva a um conceito de um espaço natural com predominância dos aspectos bióticos (fauna/flora) e abióticos (água, rio, solo, atmosfera). Esse tipo de percepção do ambiente, exclui a presença humana, caracterizando a relação dualística natureza x ser humano.

No estudo com alunos do curso de Biologia, Cardoso et al. (2015) encontraram com os maiores percentuais, a concepção reducionista, com 27,5% e para a socioambiental, com 37,5%. Os autores justificam os resultados da categoria reducionista devido à percepção da maioria dos brasileiros, que se referem ao meio ambiente como sendo estritamente a natureza (fauna e flora sem incluir o homem). Cabe atentar, que por se tratar de um estudo com alunos do curso de Biologia, os resultados estão distantes do esperado. Sobre esse ponto, os autores corroboram com o estudo de Rodrigues & Malafaia (2009) que sugerem que um entendimento mais amplo e adequado sobre esta temática ainda não faz parte da vida acadêmica de nível médio e superior.

Em outro estudo com alunos do curso de Biologia realizado por Silva et al. (2017), os autores compararam as variações da concepção de meio ambiente no início e no

final da graduação. A concepção vai se modificando ao longo do curso, sendo que existe uma predominância da concepção romântica (53,5%) entre os ingressantes, enquanto a socioambiental (38,4%) é a mais representativa entre os estudantes formandos. Em relação à concepção reducionista, os ingressantes apresentaram 32,1% e os formandos, 23,1%.

Os resultados de Silva et al. (2017) não surpreendem, em razão de que durante a formação do biólogo, a percepção ambiental é ampliada e aprofundada. Porém, é necessário destacar 23,1% na concepção reducionista, é um percentual expressivo, se tratando de formandos do curso de Biologia.

Os resultados dos estudos realizados com alunos de Biologia, confirmam o que foi posto por Silva et al. (2017), que essa não seja uma realidade exclusiva dos estudantes de Licenciatura em Biologia da UFRB, mas também dos demais estudantes universitários, corroborado por Rodrigues & Malafaia (2009).

Nos estudos realizados com a equipe de trabalhadores e estudantes em uma unidade de pronto-socorro, Peres et al. (2014) encontraram a maior prevalência para a concepção reducionista, tendo em sua base a exclusão do homem, a sociedade e os meios culturais e urbanos. Apesar de haverem encontrado a concepção socioambiental, entre os participantes, essa foi de forma bastante tímida.

O fato dos participantes da pesquisa de Peres et al. (2014) serem agente/atores de um processo de trabalho que impacta diretamente no meio ambiente (resíduos gerados pelos serviços de saúde), os resultados mais robustos deveriam estar atrelados a concepção socioambiental.

Viero et al. (2012) trabalharam com docentes de enfermagem, e encontraram concepções que ultrapassam o reducionismo presente nas visões de meio ambiente frequentes em pesquisas científicas. As autoras apontaram que seus resultados vão na contramão do tão frequentemente encontrado nos estudos.

Os docentes de enfermagem apresentaram uma percepção socioambiental do meio, que indica o caminho para uma relação de pertencimento ao meio, de interdependência. A compreensão do meio pelos docentes apontam para um sentido de teia de relações, que integra e faz interagir o social, o cultural e o natural.

A maioria dos enfermeiros entrevistados por Soares et al. (2012), apresentam uma concepção de meio ambiente de interação entre os mundos social e natural. A

concepção socioambiental prevaleceu, sendo que meio e homem formam um único mundo, estabelecendo uma relação de mútua interação co-pertença, embora não percebam que a questão ecológica faça parte de seu contexto de ação. Foi observado em número menor, enfermeiros com uma visão reducionista do meio ambiente, manifestando pensamentos de um meio relacionado à natureza, vinculando-o unicamente aos aspectos biológicos.

Tanto Viero et al. (2012) quanto Soares et al. (2012) alertam que os resultados obtidos em seus estudos não dizem respeito à prática de ações concretas dos enfermeiros e docentes no seu contexto de ação.

Os resultados de Camponogara et al. (2011) com trabalhadores de hospital, vão na direção oposta aos resultados encontrados por Viero et al. (2012) e por Soares et al. (2012). Os trabalhadores de saúde pesquisados apresentaram percepções reducionistas a respeito do meio ambiente, no sentido de ambiente natural, separado da intervenção humana. A dimensão reducionista deixa de fora formas interativas e interdependentes do meio com a cultura humana, impedindo uma maior abrangência com a problemática ecológica e suas possíveis soluções. As conclusões das autoras indicam a falta de uma visão mais integradora do meio ambiente entre os trabalhadores de saúde, prevalecendo uma ruptura entre ser humano e meio ambiente.

Possivelmente, mas sem nenhuma evidencia significativa as diferenças nos resultados podem estar atreladas as diferentes populações. Enquanto todos entrevistados de Viero et al. (2012) e de Soares et al. (2012) eram profissionais de nível superior, os de Camponogara et al. (2011), incluíam além do nível superior, auxiliares administrativos, serventes de limpeza, técnicos de laboratório, trabalhadores de serviços de apoio, estudantes de cursos de graduação.

Conclusões semelhantes dizem respeito ao estudo de Bruzos et al.(2011), com alunos de graduação em enfermagem, os conceitos sobre o meio ambiente são superficiais e ainda não remetem a discussões mais críticas ou intervenções futuras efetivas, mesmo nos últimos anos da formação. Mais uma vez, destaca se que a depender da população estudada, os resultados podem divergir.

Nota se que a maioria dos participantes das pesquisas sobre percepções de meio, apresentam uma visão ingênua e simplista sobre o entendimento do conceito,

independente do nível de formação que apresentam, corroborado pelos resultados de Molin et al. (2007).

Para Molin et al. (2007), o estudo com alunos em diferentes níveis de formação, apontaram conclusões que a concepção de meio ambiente predominante é a naturalista, reducionista, voltada para uma natureza intocada, indicando que mesmo em alunos do nível superior, denotam que reflexões relacionadas à realidade científica sobre Meio Ambiente estão sendo ainda negligenciadas na escolarização.

Nas conclusões dos estudos sobre o meio ambiente, os autores são categóricos ao afirmarem a necessidade de despertar e sensibilizar para a temática ambiental, visto que as ações humanas interferem diretamente no ambiente (BRASIL, 2001; MOLIN et al., 2007; MALAFIA; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; MALAFAIA, 2009; LIMA; OLIVEIRA, 2011; CAMPONOVARA et al., 2011; SOARES et al., 2012; VIERO et al., 2012; PERES et al., 2014; CARDOSO et al., 2015; SILVA et al., 2017).

Em relação aos alunos e profissionais e enfermagem, seria necessário o aprofundamento de conhecimentos sobre a temática ambiental e sua interface com a saúde das populações, através do desenvolvimento de práticas educativas, que possibilitassem a reflexão crítica e a estimulação do sentimento de pertencimento ao ambiente objetivando despertar valores e posturas direcionados ao cuidado ambiental. Somente dessa maneira, seria possível a reavaliação de visões e posições em direção à formação de uma consciência ecológica com ações responsáveis com o meio ambiente (CAMPONOVARA et al., 2011; SOARES et al., 2012; VIERO et al., 2012; PERES et al., 2014).

## **2.2 CONEXÃO: SAÚDE DAS POPULAÇÕES E SAÚDE AMBIENTAL**

O meio ambiente por exercer influências diretas e indiretas no processo saúde-doença, mantém uma relação íntima e próxima com a área da saúde (BRUZOS et al., 2011). Por este motivo, Homem e Meio não são mais vistos como dissociados, e seus reflexos, concretizam-se no que Paranaíba & Aguiar (2005) denominam de saúde humano-ambiental. Por conseguinte, a crise socioambiental passou a englobar problemas resultantes dos efeitos que o ambiente exerce sobre o bem-estar do ser humano.

Embora diferentes setores da sociedade tenham uma relação com a problemática ecológica, o que se percebe é que algumas áreas do conhecimento e campos de atuação ainda não têm debatido enfaticamente essa questão, entre elas, a área da saúde (CAMPONOGARA et al., 2006; CAMPONOGARA et al. 2012a; SOARES et al., 2012; PERES et al., 2014).

Para dar conta dos desafios impostos pela problemática ambiental especialistas em pessoa-ambiente terão que avançar e trabalhar juntos na compreensão interdisciplinar e transdisciplinar das diversas áreas envolvidas nestas questões (MOSEER, 2005; PARANAÍBA; AGUIAR, 2005).

O conhecimento dos efeitos das alterações ambientais na saúde se faz urgente, devido ao fato de que profissionais de saúde enfrentarão muitas patologias que terão como fatores desencadeantes os problemas ambientais e como consequência, o surgimento de com doenças emergentes e reemergentes (BRUZOS et al., 2011). Schmidt (2007) ainda afirma que, como consequência da ação antrópica desordenada, a degradação ambiental é citada como condição relacionada às características do aparecimento de diversas doenças.

Isto posto, exige-se um entendimento do meio ambiente como um fator determinante na saúde, necessitando a inclusão das questões do meio nas políticas de saúde, que integrem objetivos da saúde ambiental numa ampla estratégia de desenvolvimento sustentável (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Para Ribeiro (2004), a compreensão da relação entre a causa de doenças e o meio ambiente, transforma-se na base para as ações em saúde, corroborando a importância da indissociabilidade entre eles.

As influências das circunstâncias ambientais e ecológicas no processo saúde – doença variam conforme o grau de relação que o ser humano tem com o meio ambiente (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 1999; BRUZOS et al., 2011), sendo que, é impossível apresentar um estado de saúde favorável num contexto ambiental precário e desfavorável (VARGAS; OLIVEIRA, 2007; AYACH et al., 2012). Por conseguinte, Paranaíba & Aguiar (2005) destacam que para entender saúde e doença, é necessário entender o ambiente físico, biológico e socioeconômico em que o homem vive.

Para Baggio et al. (2011) tornou-se necessário uma visão integrada de homem e natureza, da saúde e do ambiente para que se estabeleça uma relação complexa de cuidados, que visem a promoção da sustentabilidade ambiental. Complementando, Backes et al. (2011) colocam que pensar em cuidado, é pensar na relação dos indivíduos com os demais e também com o meio em que vivem, suas interações e associações que envolvem o sistema como um todo.

### 2.2.1 SAÚDE AMBIENTAL

Desde a década de 80, Ribeiro & Bertolozzi (2002) colocam que os riscos ambientais globais começaram a ser percebidos como fatores que alteravam a qualidade de vida. Havendo até hoje, ainda um certo distanciamento entre o campo da saúde e a efetiva relação com práticas de proteção ambiental ou de minimização de seus efeitos, como destacam Camponogara et al. (2012a).

Práticas efetivas de conservação e proteção, passam a assumir o papel decisivo nas medidas que dizem respeito à promoção da saúde das populações (AYACH et al., 2012), e a saúde ambiental passa a ter como desafio promover uma melhor qualidade de vida dos indivíduos.

Por serem as condições de saúde das pessoas, reflexo do meio, atitudes que beneficiem o ambiente, conseqüentemente beneficiam uma vida saudável (PARANAÍBA; AGUIAR, 2005), e propiciam o entendimento que o ambiente, é condicionante e determinante no processo saúde doença.

Brasil (2007) destaca que: “A saúde ambiental é (...) o campo de práticas (...) com vistas ao bem estar, à qualidade de vida e a sustentabilidade. “A partir da Agenda 21, concluída em 2002, a saúde ambiental passou a ser fundamental para a promoção da saúde, e em 1999, o Ministério da Saúde criou a gestão do Sistema Nacional de Vigilância Ambiental, tendo como um de seus objetivos estimular a integração saúde, ambiente e desenvolvimento (VARGAS; OLIVEIRA, 2007).

Como mencionam Vargas & Oliveira (2007), a Organização Mundial de Saúde e a Organização Pan Americana da Saúde criaram o conceito de Atenção Primária Ambiental, garantindo o direito do homem viver em um ambiente saudável. E a VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), preconizou que é fundamental a visão de

que a saúde é resultante de diversas condições, como: alimentação, habitação, educação, renda, transporte, lazer e também do meio ambiente.

A saúde por ser um conceito dinâmico, não é mais vista como ausência de doenças e implica em bem estar e qualidade de vida. Logo, como aponta Buss (2000), deve potencializar a capacidade de autonomia e o padrão de bem estar das populações.

Corroborando com o autor, Paranaíba & Aguiar (2005) apontam que é inexorável interdependência entre a qualidade de vida e relações saudáveis com o meio. Minayo (2000) vai além, salientando que ao bem estar e a qualidade de vida devem ser acrescidos a perspectiva da ecologia humana, juntamente com ideias de desenvolvimento sustentável. Dentro do contexto da produção de saúde, a qualidade de vida, é uma alternativa para identificar os caminhos na direção da sustentabilidade da vida, a partir de uma reflexão sobre a relação que se deve manter com a natureza (CAMPONOGARA et al., 2012a).

A Constituição Brasileira de 1988, deixa claro que como atribuição do Sistema Único de Saúde (SUS), está a colaboração na proteção do meio ambiente (art. 200, inciso VIII) (BRASIL, 1988). E amplia conceitos e direitos de saúde para a população brasileira, conforme artigos abaixo citados.

“Art. 196, a saúde como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Art. 225: todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida...).

Baseados na Constituição, Paranaíba & Aguiar (2005) destacam que a cidadania ali assegurada, deve ser traduzida nas condições de vida e seu ambiente. Indo além, Ribeiro (2004) acrescenta que a evolução da legislação, estendeu a consciência de que a saúde individual e coletiva devem abranger as dimensões física e mental, estando intrinsecamente relacionadas à qualidade do meio ambiente.



### 2.2.2 ALTERAÇÕES AMBIENTAIS E SAÚDE

A compreensão das alterações ambientais, seus riscos, suas causas e consequências, levam a questionamentos sobre as condições de saúde da população e a influência direta e indireta da qualidade ambiental das cidades (AYACH et al., 2012). Torna-se fundamental compreender a saúde como uma resposta adaptativa do homem ao ambiente em desequilíbrio que o circunda (SCHMIDT, 2007).

As cidades, áreas com alta densidade populacional do planeta, abrigam a metade da população mundial, e com seu crescimento desordenado, geraram várias alterações que afetam diretamente o meio urbano (AYACH et al., 2012), apresentando, assim, os mais variados tipos de problemas ambientais que contribuem com um aumento de cerca de 1/4 das doenças e mortes, destacando um aumento na incidência de infecções respiratórias (SOARES et al., 2012).

Kronemberger et al. (2011) citam como problemas ambientais, as alterações como: a poluição de rios, lagos, lagoas, aquíferos, erosão acelerada, assoreamento, inundações frequentes e materiais de risco para deslizamento de terra. A poluição do ar, contaminação por agrotóxicos, deslizamentos, são citados por Gonçalves e Sánchez (2015). Sochara (Org.), (2015), acrescentam ainda os desastres, como as catástrofes naturais que podem levar a graves consequências como lesões e mortes, e ainda a seca, como calamidade natural e os incêndios florestais, que afetam a flora, a fauna e também as comunidades próximas. O efeito estufa, a destruição dos ecossistemas, as mudanças climáticas, o aumento do nível do mar, são elencados por Camponogara (2006). Frente a todos estes problemas, TINOCO (2013) complementa enfatizando que a complexidade da “doença” ambiental urbana se agrava à medida que esses efeitos se combinam.

Brasil (2007) aponta como efeitos na saúde decorrentes das alterações ambientais, encontra-se: a propagação de doenças infecciosas, danos decorrentes dos desastres de origem natural ou antropogênicos, as doenças crônicas não infecciosas relacionadas às modificações ambientais e as deficiências nutricionais. O aumento de incidência de doenças de veiculação hídrica, doenças respiratórias e cardiovasculares, emergência de doenças infecciosas, fome,

surgimento/ressurgimento de doenças transmissíveis são também citadas por Camponogara (2012).

A inserção de novas arboviroses (que incluem o vírus da dengue, Zika vírus, febre chikungunya e febre amarela) passam a demandar cada vez mais do poder público esforços para seu controle e prevenção, incluindo ações de educação e saúde que incidam diretamente nos efeitos que o ambiente tem na saúde humana (EVANGELISTA et al., 2017).

Por conseguinte, os efeitos causados pelas alterações ambientais têm impactos negativos na saúde e diminuem a expectativa de vida das populações, deixando-a susceptível ao adoecimento (SOUZA, 2007).

### 2.2.3 SANEAMENTO BÁSICO E SAÚDE

No contexto brasileiro, o crescimento intenso sem o devido acompanhamento de infraestrutura básica, em relação ao acesso a serviços urbanos gerou ambientes insalubres (MOISÉS et al., 2010; BORJA, 2002). Dessa forma, o aspecto sanitário tornou se um desafio para o setor público, tendo em vista que a qualidade de vida e de saúde da população depende das condições básicas de infraestrutura (BRASIL, 2007).

A população ficou exposta a problemas como as condições deficientes de higiene, à falta de abastecimento de água de boa qualidade e em quantidade suficiente (AYACH et al., 2012; BORJA, 2002), ao esgotamento sanitário e ao manejo inadequado dos resíduos sólidos, ao controle de vetores, a poluição do ar e sonora (SOUZA, 2007; BRASIL, 2007; GONÇALVES; SÁNCHEZ, 2015), a contaminação e degradação dos mananciais hídricos (TINOCO, 2013), e ainda alimentos ou águas que tenham contato com fezes (BRASIL, 2007). Determinantes ambientais estão associados à dispersão da maioria das arboviroses (NETO et al., 2016).

Schmidt (2007) é bastante precisa ao afirmar a importância da conexão existente entre homem-ambiente-saúde e saneamento básico. Baseado no exposto, cabe ressaltar que a relação estabelecida entre a saúde e o ambiente constitui uma preocupação em relação ao déficit de saneamento no Brasil (SOUZA, 2007), sendo

que cerca de 80% das doenças humanas estejam relacionadas, direta ou indiretamente, à água não tratada e ao saneamento precário (AYACH et al., 2012).

O quadro epidemiológico no Brasil vem agrando-se devido às doenças resultantes da falta ou inadequação de saneamento (FUNASA, 2007). O Ministério das Cidades (2011) coloca que, a partir de 1970, a problemática ambiental começou a ampliar, indo além do impacto no ambiente, incluindo também os impactos na saúde. Embora já tenham passado mais de 40 anos, a atenção dada aos impactos na saúde, ainda precisa ser mais aprofundada, ratificado pelo que aponta a Organização Sochara ORG. (2015), que saneamento e saúde pública estão intimamente relacionados desde há muito tempo.

E a necessidade de estratégias mais eficientes e o controle das melhorias sócio sanitárias devem incluir o aumento da cobertura do saneamento básico e redução das desigualdades em saúde (NETO et al., 2016).

Várias doenças estão relacionadas à inexistência de saneamento adequado, tais como a diarreia, riscos de infecções devido à densidade populacional, condições de habitabilidade e agentes patogênicos ingeridos (BRASIL, 2011; BORJA, 2002). Inundações, lançamentos de esgoto não tratado em rios e a disposição inadequada do lixo aumentam a incidência de leptospirose, de hepatites virais, de diarreias e outras (KRONEMBERGER et al., 2011).

Associadas fortemente às condições ambientais não favoráveis, Caylà et al. (2016) destacam que a dengue e a infecção com o vírus Zika, tornou-se uma nova epidemia, com fortes efeitos nos países latino-americanos. A precariedade do saneamento básico, o destino dos resíduos e o contato com coleções hídricas contaminadas são determinantes para o aumento da prevalência da esquistossomose (GOMES et al., 2016).

Dados apontados por BRASIL (2007) indicam que, para cada R\$ 1,00 (um real) investido no setor de saneamento, economiza-se R\$ 4,00 (quatro reais) na saúde. SOCHARA ORG. (2015) apresenta outros dados, demonstrando que a cada US \$ 1,00 gasto em saneamento, o retorno na saúde das pessoas corresponde a US \$ 5,50, e os ganhos econômicos globais do investimento em saneamento e água são estimados em US \$ 260 bilhões por ano. Por outro lado, o saneamento inadequado custaria aos países entre 0,5% e 7,2% do seu PIB.

O Manual de Saneamento elaborado pela FUNASA (2007) apresenta de forma detalhada algumas das doenças relacionadas à falta ou inadequação do saneamento. Doenças que se relacionam com a água, com os dejetos humanos, com os alimentos contaminados com bactérias, as transmitidas por artrópodes e roedores, por resíduos sólidos e ainda pelos resíduos de serviços de saúde.

O Manual ainda preconiza que todos os profissionais que trabalham em estabelecimentos de saúde devem conhecer a prática de segregação de resíduos, reconhecimento de símbolos, expressões, padrões de cores adotados, localização de abrigos de resíduos, entre outros fatores indispensáveis à completa integração ao Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde.

Sobre a segregação de resíduos, destaca-se o apontado por Pereira (2011), que com o crescimento dos atendimentos médico-hospitalar nas últimas décadas, o aumento de resíduos (curativos, soluções parenterais, enterais, coletores, cateteres, drenos, fezes e urina, dentre outros), tornou-se um problema para a saúde, e portanto a saúde ambiental também deve se ocupar de buscar de melhor gerenciamento e segurança no seu manejo.

Embora as exigências internacionais preconizem os procedimentos básicos no manejo dos RSS (separação, acondicionamento, armazenamento, coleta, transporte, tratamento e disposição final), autores como Ribeiro e Bertolozzi, (2002), Ribeiro, (2004) e Camponogara et al. (2008), afirmam que os profissionais de saúde não se preocupam com a proteção ambiental, e não dão a devida atenção aos resíduos gerados pelos serviços hospitalares.

Para Borja (2002), a correlação entre higiene e saúde vem desde muito tempo, e devem-se ter medidas capazes de modificar as condições do meio ambiente, prevenindo doenças e promovendo a saúde, introduzindo assim o conceito de salubridade ambiental que clareia a relação entre saneamento do meio e o processo de doença.

Ayach et al. (2012), ressaltam que o saneamento visa a salubridade ambiental, como o abastecimento de água potável, coleta e disposição sanitária de resíduos sólidos, líquidos e gasosos, promoção da disciplina sanitária de uso do solo, drenagem urbana, controle de doenças, com a finalidade de proteger e melhorar as condições de vida urbana e rural. Embora conservar e proteger o meio tenham um

papel determinante nas medidas relativas à promoção da saúde, os autores ainda colocam que no Brasil ainda há muito que se caminhar nessa direção.

Uma das formas da erradicação de doenças diz respeito ao combate integral de suas causas e determinantes ambientais através das ações de saneamento (SOUZA e FREITAS, 2008; KRONEMBERGER et al., 2011). Por ações de saneamento, cabe destacar o abastecimento de água potável, a coleta, o tratamento e a disposição final dos esgotos e dos resíduos sólidos e gasosos, os demais serviços de limpeza urbana, a drenagem urbana, o controle ambiental de vetores e reservatórios de doenças, a disciplina da ocupação e de uso da terra e obras especializadas para proteção e melhoria das condições de vida (KRONEMBERGER et al., 2011; BRASIL, 2011).

A política de saneamento como aponta Souza (2007), deve estar voltada ao nível individual e coletivo na promoção de melhores condições ambientais, tão fundamentais à manutenção da qualidade de vida. Visto que, como aponta Sochara Org. (2015) a provável melhora da saúde venha, no futuro, da modificação das condições que conduzem a doenças, e não da intervenção nos mecanismos da doença depois que ela ocorreu.

O saneamento básico é fundamental para os profissionais de saúde que, por estarem próximos às comunidades, seriam os responsáveis pelo empoderamento da população no que diz respeito a sua relação com o meio ambiente.

Dessa forma, o trabalho dos profissionais de saúde seria um desafio ecológico, em relação às doenças provenientes do ambiente e a mortalidade infantil, associadas a questões sociais, econômicas, políticas, culturais (SOCHARA ORG, 2015). Para tanto, é necessário um contato maior desses profissionais com práticas mais próximas das comunidades, na realização de intervenções participativas com a população (SOUZA, 2007; SCHMIDT, 2007).

Sobre a participação social, Neto et al. (2016), destacam a abordagem eco-bio-social, a educação em saúde e o manejo ambiental para a eliminação de potenciais criadouros em relação as arboviroses.

As práticas interdisciplinares, como estratégia baseada na Educação Ambiental, no contexto da saúde e do saneamento seria uma prática social que possibilitaria uma

mudança gradual na forma de pensar o cuidado com o ambiente (SCHMIDT, 2007; MOISÉS et al., 2010).

Entre os profissionais de saúde, os enfermeiros, por serem responsáveis pela maior parte da prestação da assistência no Brasil, precisam atentar para os efeitos do local em que as pessoas vivem, e que as questões ambientais são questões de saúde. Para tanto, como colocam Ribeiro e Bertolozzi (2002), devem incorporar a dimensão ambiental na assistência e na administração dos serviços.

Camponogara et al. (2011) são enfáticas ao afirmar que para os trabalhadores da saúde conhecimentos sobre meio ambiente são primordiais. E corroborando com as autoras citadas, Romão et al. (2014), enfatizam que o enfermeiro desponta como um dos trabalhadores de saúde que tem grandes possibilidades de atuar frente às problemáticas ambientais, pois é o profissional que atua na assistência integral à saúde dos indivíduos e das famílias, portanto deve ir além da assistência curativa.

Por estar conectado, desenvolvimento sustentável e cuidado, a enfermagem deve manter uma postura crítica e comprometida com a questão ambiental, tornando-se um ator na educação da comunidade sobre situações de risco e contaminação ambiental e seus efeitos reais e potenciais desses riscos sobre sua saúde (VARGAS; OLIVEIRA, 2007). Camponogara (2012) em suas conclusões se questiona como o profissional da saúde percebe as questões ambientais como determinantes no processo saúde-doença, e se os mesmos estão cuidando do meio.

### **2.3 A FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS: INDO ALÉM DO MODELO BIOMÉDICO**

Tratar da questão relativa ao meio ambiente assume uma relevância fundamental na atualidade, principalmente para os trabalhadores de saúde, devido a relação existente entre a vida saudável e o planeta saudável (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002). A relevância atual da questão, vem acompanhada por novas demandas para esses profissionais (CAMPONOGARA et al., 2006; BAGGIO et al., 2011; BACKES et al., 2011; CAMPONOGARA et al., 2012a; CAMPONOGARA et al., 2012b).

Uma das dificuldades da saúde em relação à problemática ecológica, diz respeito à formação recebida, na qual ainda se predomina o modelo de saúde biomédico, modelo que visa apenas o corpo, o cuidado com o corpo, não levando em conta o

psicossocial e o ambiental (VARGAS; OLIVEIRA, 2007; CHAVES et al., 2009; CAMPONOOGARA et al, 2012a).

Vários autores ressaltam que na formação do profissional, é urgente ir além do modelo biomédico, contemplando também conhecimentos da relação saúde e meio ambiente (CHAVES et al., 2009; VAZ-CESAR; SENA, 2010; DORNELES; ALVES, 2011; CAMPONOOGARA et al., 2012a; CAMPONOOGARA et al., 2012b). Os autores ainda chamam a atenção para a necessidade de ultrapassar a visão que é mais voltada ao adoecimento das pessoas e das populações. Pois a orientação biomédica e hospitalocêntrica, centrada na abordagem mecanicista, limita o olhar sobre o processo saúde-doença.

O modelo seguido nas práticas de saúde por focarem apenas no corpo biológico não dão conta das outras dimensões presentes além do corpo físico, como colocam Vaz-Cezar & Sena (2010), logo, não contemplam o meio em que o indivíduo está inserido.

No Brasil, propostas de reorganização do modelo de saúde pressupõem reorientar a assistência de cunho curativo, dando prioridade às intervenções de cunho preventivo e promocional (ROMÃO et al. 2014), e não mais na atuação reduzida do profissional aliviando dores e mal estar das doenças como aponta Minayo (2000).

Na formação do profissional de saúde, a doença ainda é vista como causa, evidenciando que os moldes da formação desses profissionais, são voltados para o reducionismo e portanto calcados em práticas não preventivas, detendo se às práticas assistenciais (MINAYO, 2000; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; BACKES et al., 2011). O prejuízo do conhecimento superespecializado, determina a visão do indivíduo e o seu corpo de forma compartimentada e dividida em partes, excluindo a questão ambiental (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; RIBEIRO, 2004; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; CAMPONOOGARA et al., 2011; CAMPONOOGARA, 2012b).

Na formação do profissional de saúde, Camponogara et al. (2012b) colocam que os currículos de graduação, inclusive os da enfermagem, os alunos ainda são orientados para o ensino de situações patológicas, em detrimento de uma visão de promoção da saúde e da qualidade de vida, na qual a cura das doenças é priorizada em detrimento do cuidado com o ambiente que gera as doenças (RIBEIRO;

BERTOLOZZI, 2002; RIBEIRO, 2004; CHAVES et al., 2009; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; BAGGIO et al., 2011).

Indo na direção oposta ao colocado por vários autores, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Enfermagem da UCSal apresenta-se como um dos objetivos do curso a formação de um profissional generalista com capacidade de compreender e atuar nas dimensões do cuidado de enfermagem nos níveis de atenção primária, secundária e terciária.

Embora, a importância de uma abordagem sistemática sobre a temática ambiental, durante a graduação, é o que garante um efetivo processo de promoção da saúde das populações (CAMPONOGARA et al., 2012b), é observado que as questões ambientais na formação do profissional de saúde não são abordadas (VARGAS; OLIVEIRA, 2007).

Como consequência dessa formação, o que se percebe é que o enfermeiro ainda se engaja pouco nas ações que visam à saúde ambiental (VARGAS; OLIVEIRA, 2007; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; BAGGIO et al., 2011; ROMÃO et al., 2014), tornando necessário a inclusão da questão ambiental como um tema inerente às discussões não só no âmbito da graduação, mas também na pesquisa e na prática de enfermagem (CAMPONOGARA et al.; 2008, 2012a).

Dessa forma, educar para a saúde, implicaria em ir além da assistência curativa que prioriza intervenções de cunho preventivo e promocional (ROMÃO et al., 2014), fazendo com que a relação dos profissionais seja com a pessoa e seu meio, e não com a “doença” (PARANAIBA; AGUIAR, 2005; CAMPONOGARA et al., 2008; CAMPONOGARA et al., 2012a). A ampliação da assistência individual para uma atitude ética na defesa da vida permitiria a visão ampliada dos fatores multicausais da saúde, entre eles os problemas socioambientais (VARGAS; OLIVEIRA, 2007).

Para tanto, é necessário ampliar a visão das ações de cuidado (BACKES et al., 2011; BAGGIO et al., 2011) abrangendo dimensões amplas e complexas, como o cuidado de si, do outro e do meio ambiente, permitindo um conceito expandido de saúde, dentro de uma perspectiva ecológica que vai além das ações assistencialistas. A percepção das diversas dimensões que integram a saúde humana, permitiria um cuidado ecológico, que é uma atitude que impulsiona a



atenção para a defesa do meio ambiente, entendendo que cuidado, holismo e ecologia são temas interligados (BRASIL, 2002).

Isto posto, há necessidade desde a formação da sustentação de um cuidado integral e integrador, que permita transcender a dimensão física, incluindo outras como as dimensões: emocional, espiritual, social e ambiental (BACKES et al., 2011; BAGGIO et al., 2011).

Na mesma direção do colocado pelos autores citados, foi observado do PPC do curso de enfermagem da UCSal, que a Universidade reconhece a necessidade de qualificar os profissionais para planejar e intervir na realidade ambiental, na conservação, preservação prevenção e mitigação dos efeitos negativos do meio na vida humana, e dessa forma, alcançar um olhar integral e integrador do indivíduo e seu meio.

### 2.3.1 A ENFERMAGEM E O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE

A fragilidade da interface saúde e meio ambiente entre os profissionais de saúde e principalmente entre os enfermeiros, chama a atenção, tendo em vista que desde o surgimento da enfermagem, sua precursora, Florence Nightingale (1859) preconizava a importância do ambiente adequado para a prevenção de enfermidades, para o tratamento e recuperação de doentes. Em relação à prevenção, a enfermeira considerava necessário a garantia da higiene das habitações em relação ao ar, a água, a rede de esgoto, a limpeza e a iluminação (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; CAMPONOVARA, 2012; CAMPONOVARA et al., 2012a).

Dessa forma, para CAMPONOVARA (2012) o modelo de formação hoje, vai na contra mão do que foi preconizado pela precursora Nightingale, sendo necessário resgatar a Teoria Ambientalista da enfermeira.

Tendo em vista a Teoria Ambientalista de Florence Nightingale (1859), desde a formação, os enfermeiros precisam incorporar discussões ambientais diretamente ligadas a prevenção de doenças e a promoção da saúde (VARGAS; OLIVEIRA, 2007; DORNELES; ALVES, 2010). E como salientam Camponogara et al. (2012a) essas discussões devem ser profundas, englobando a ética sobre o tema,

responsabilizando os profissionais com a causa ambiental, tanto no ensino quanto no trabalho da enfermagem.

Ribeiro (2004) e Vargas & Oliveira (2007), destacam a necessidade premente da sensibilização dos enfermeiros quanto às alterações ambientais, objetivando o desenvolvimento de uma consciência ecológica através da criação de novas propostas de práticas coletivas.

Na mesma direção Moser (2005) aponta que os profissionais de saúde, necessitam adotar uma reflexão coletiva, trabalhando de forma interdisciplinarmente buscando cada vez mais conhecer os fatores de risco para a saúde originados do ambiente. Somente dessa forma, poderão participar do planejamento de ações da saúde ambiental, prevenção e promoção da saúde (CAMPONOGARA et al., 2006).

Para participar do planejamento de ações, é necessário a compreensão de que meio ambiente e saúde são interdependentes e inseparáveis, o que direciona o trabalho de promoção na conservação de recursos naturais, mediante estratégias ecológicas de alcance global, regional e local (BRASIL, 2002).

Pode se notar a distância da conexão da temática ambiental com a saúde quando observa se as produções científicas dos enfermeiros. Quando a mesma é abordada, não há indicação de uma consciência ecológica por parte dos autores, embora Backes et al. (2011), identifiquem que a enfermagem, ainda é o curso que mais produz sobre a necessidade do cuidado com o planeta.

Embora não tenham sido encontrados trabalhos mais atuais sobre as pesquisas de enfermagem, em 2008, Camponogara & Cols (2006) verificaram o baixo número de publicações, tanto nacional quanto internacional sobre a relação entre saúde e ecologia. No levantamento do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa, foi encontrado que dos 159 grupos, apenas três possuíam uma linha de pesquisa com objetivos da temática ambiental.

Poucos países possuem produções científicas na área das questões ambientais e saúde, sendo que a maioria da produção é norte-americana e russa. Para as autoras, o Brasil aparece como terceiro maior produtor, sendo que a maioria de sua produção está direcionada para o estudo de vetores transmissores de doenças infectocontagiosas (CAMPONOGARA et al., 2008).

Ainda sobre as produções científicas, Ribeiro & Bertolozzi (2002) encontraram que a proteção ambiental presentes nos trabalhos está sempre restrita ao ambiente hospitalar, como os resíduos gerados pelos serviços ou relacionado com os riscos à saúde do trabalhador ou da comunidade. Peres et al. (2015), também relatam os poucos estudos encontrados referentes as questões ambientais e a saúde humana, o que denota uma concepção frágil entre meio ambiente e saúde.

A partir dos achados, as autoras recomendam que os profissionais de saúde devem contribuir para a conscientização da população sobre os riscos ambientais e as consequências dos danos ambientais para a saúde de formas variadas, como a promoção de cursos sobre saúde e meio ambiente, a promoção de atividades multidisciplinares, e a mobilização da comunidade para que conheçam e contribuam na eliminação de riscos que podem contaminar o ambiente (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002).

As publicações refletem a lacuna evidenciada desde a formação. Isto posto, uma nova missão deverá ser adicionadas as IES, de forma transversal; a de produzir saberes que devam reduzir comportamentos não sustentáveis, permitindo a formação de uma consciência ecológica, que alcance um desenvolvimento econômico e socioambiental de acordo com Salgado & Cantarino (2006) e com Dorneles & Alves (2011).

### 2.3.2 A SAUDE AMBIENTAL E A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Para Chaves et. al. (2009) a educação é o caminho mais viável para um ambiente sadio, e nessa perspectiva, as instituições necessitam de ações propositivas para um modelo de desenvolvimento sustentável para os seres vivos.

Dentro dessa visão, durante a profissionalização, é necessário preparar os alunos para incorporar a responsabilidade como cidadãos (CAMPONOGARA et al., 2012a), defendendo a sustentabilidade do planeta (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; CAMPONOGARA et al. 2008).

Através do senso de identificação com a natureza e do sentimento de pertencimento, é possível perceber a interligação entre as temáticas ambientais e a

saúde. Esta aquisição da responsabilidade ambiental, possibilitaria uma transformação social que deve ser iniciada na graduação para construção da sustentabilidade ambiental (PARANAÍBA; AGUIAR, 2005; CAMPONOOGARA et al., 2006; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; BACKES et al., 2011; CAMPONOOGARA et al., 2012a; CAMPONOOGARA et al., 2012b).

Desde 2006, Salgado & Cantarino, discorrem sobre a relevância das IES no que diz respeito à formação de profissionais capacitados e atentos às questões socioambientais, contribuindo dessa forma para a formação de uma sociedade mais justa econômica, social e ambientalmente. Entre as responsabilidades às IES, estariam as ferramentas que permitem os alunos adaptar-se às alterações ambientais e colaborar para uma sociedade baseada em comportamentos social e ambientalmente responsáveis.

As IES deveriam estimular a criação de ferramentas ambientais que favorecessem uma consciência ambiental crítica e proativa na sociedade (SALGADO e CANTARINO, 2006; BACKES et al., 2011; CAMPONOOGARA et al., 2011; BAGGIO et al., 2011; PERES et al., 2015). Backes et al. (2011) complementam que o ambiente acadêmico, local onde se dá a formação, deve ser o espaço no qual futuros profissionais deveriam ser sensibilizados e conscientizados para o aprendizado sistêmico e integrado. Sendo que, uma percepção crítica e o comprometimento com atitudes inovadoras em relação ao cuidado do meio, visaria sua conservação e proteção.

Ainda sobre as IES, Ribeiro & Bertolozzi (2002), afirmam que os alunos por não compreenderem que a questão ambiental tem repercussões mundiais (perda da biodiversidade, as mudanças climáticas, a destruição de florestas), precisam de um trabalho de sensibilização para poderem assumir atitudes favoráveis à conservação.

Os alunos precisam saber/perceber que suas ações impactam no ambiente, e que tem consequências na saúde ambiental (RIBEIRO; BERTOLOZZI; 2002). Pereira (2011) é contundente quando afirma que a saúde ambiental também precisa se ocupar de buscar alternativas para a problemática de Resíduos de Serviços de Saúde, pela ameaça que causam à saúde pública e ao meio ambiente. E vai além apontando que durante a formação, os alunos devem ser capazes de estabelecer nexos entre sua prática laboral e o impacto ambiental dela advindo.

Diversos trabalhos foram realizados no intuito de perceber a interface meio ambiente e saúde durante a formação. Alunos pesquisados por Chaves et. al. (2009), colocaram que raramente as IES abordam a temática ambiental. Os alunos se preocupam com a questão ambiental, embora relatem que faltem atividades acadêmicas ou administrativas voltadas para as questões ambientais.

Os achados de Camponogara et al. (2012a), indicaram que os sujeitos pesquisados compreendem que há uma estreita interface entre saúde e meio ambiente, embora tenham apontado que as populações menos favorecidas socioeconomicamente é que estão mais predispostas aos efeitos da problemática ambiental, o que leva a ocorrência de muitas doenças. De acordo com os participantes da pesquisa, as informações não foram obtidas durante a formação, mas sim, por meio da mídia. Cabe ressaltar que as informações passadas pela mídias são descontextualizadas (BRASIL, 2001).

Em outro trabalho de Camponogara et al. (2012b), as autoras verificaram que os alunos apesar de perceberem a problemática ambiental e a saúde das pessoas, sentiam se impotentes para agir a respeito. A falta da abordagem da temática por professores da graduação foi verificada também pelas autoras, indicando como uma das causas das dificuldades no desenvolvimento de ações direcionadas à sustentabilidade ambiental.

Para Salgado & Cantarino (2006) os docentes das IES que trabalham com mudanças de valores, comportamentos e atitudes, podem e devem contribuir para a conscientização ecológica, e devem voltar se para a inclusão da questão ambiental visando à sobrevivência da espécie humana e do próprio planeta.

Vargas e Oliveira (2007) lembram que nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Enfermagem, o profissional deve ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva; atuando como promotor da saúde do indivíduo de forma integral, com ações de prevenção, promoção e proteção da saúde, porém o observado é a falta de aprofundamento na correlação entre ambiente saudável e saúde das populações. O que também é observado no PPC do curso de enfermagem da UCSal, quando colocado que o enfermeiro deve compreender e atuar nas dimensões do cuidado de enfermagem nos níveis de atenção primária, secundária e terciária, na busca de integralizar a saúde individual e coletiva, contribuindo para a ampliação do atendimento à população.

Nos estudos de Backes et al. (2011), de acordo com os estudantes, a Universidade não está sendo relevante no despertar/desenvolver uma consciência ecológica. E o papel de fomentar debates ricos sobre a questão ambiental é destacado por Salgado e Cantarino (2006), pois além de incitar o conhecimento contribui para ações com as comunidades das quais estão inseridos, levando dessa forma, a academia a assumir uma postura mais voltada para a proteção socioambiental.

Para Oliveira (2006) é fundamental mudar a forma de perceber a natureza, é necessário ir além, reconhecer os direitos da natureza; desenvolver uma consciência pública e individual, formando atitudes e condutas positivas e afetivas para com o meio ambiente.

Não é apenas no Brasil que apresenta se essa dificuldade, em países como o Peru, Portugal e Inglaterra, a formação ambiental nos currículos ainda é tímida e pouco divulgada no ensino superior, apenas na Espanha, pode ser observado uma preocupação com a Educação Ambiental (VAZ-CEZAR e SENA, 2010).

A formação precisa contemplar as questões ambientais, tendo em vista que os enfermeiros deveriam ser atores que educam e informam a comunidade sobre situações das alterações ambientais e seus efeitos sobre a saúde. E ainda devem atuar como participantes ativos na equipe, capaz de ter um olhar sensível e crítico frente ao cuidado com o meio ambiente (VARGAS e OLIVEIRA, 2007; CAMPONOGARA et al., 2012b).

### 2.3.3 A ENFERMAGEM E O TRABALHO COM AS COMUNIDADES

Uma formação que contemple a dimensão ambiental, comprometida com serviços de saúde que coloquem os usuários e profissionais de saúde como protagonistas no processo produtivo em saúde pode produzir mudanças relacionadas ao estilo de vida das pessoas (STALIANO; ARAUJO, 2011).

Sendo que a forma de contribuir para o planejamento de ações sobre a saúde ambiental e o seu preparo para o enfrentamento dos problemas ambientais que nele interferem, dependem da consciência ambiental e do comprometimento que os profissionais de saúde tem em relação ao meio ambiente, que deve iniciar na formação (BUSS, 2000; DORNELES; ALVES, 2010).

Para tanto, é necessário um retorno a precursora da enfermagem, Florence Nightingale e sua teoria Ambientalista, no que diz respeito à responsabilidade

socioambiental dos enfermeiros (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; CAMPONOGARA, 2012; CAMPONOGARA et al., 2012a).

A responsabilidade socioambiental através da interface saúde e ambiente é primordial, pois influencia diretamente na forma como os sujeitos agem em defesa de um ambiente mais saudável (CAMPONOGARA et al., 2011; BAGGIO et al., 2011). Brasil (2002), nas Cartas da Promoção a Saúde, complementa que a necessidade de modificar favoravelmente o meio ambiente, parte das estratégias de promoção da saúde.

Logo, profissionais de saúde precisam se colocar e colocar os usuários como protagonistas no processo produtivo em saúde (STALIANO; ARAUJO, 2011), através de discussões sobre a questão ambiental, os riscos ambientais e seus efeitos sobre a saúde (VARGAS; OLIVEIRA 2007).

A conscientização deve começar desde a formação, priorizando a interface saúde e ambiente, assim possibilitando o desenvolvimento de ações responsáveis com a preservação ambiental, com a tomada de decisão e a construção da cidadania (BRUZOS et al., 2011; CAMPONOGARA et al., 2011; CAMPONOGARA et al., 2012<sup>a</sup>), a partir de experiências vividas na comunidade e da reflexão individual (PERES et al., 2015).

No artigo de Vaz-Cezar & Sena (2010) os autores destacam a importância da responsabilidade dos enfermeiros em relação as suas práticas junto à comunidade de caráter investigativo e de intervenção. Posto isto, a manutenção do meio e a prevenção de riscos e adoecimento, devem acontecer através de ações mais precisas e assertivas, com atividades de mudança de comportamentos relacionadas ao estilo de vida das pessoas (STALIANO; ARAUJO, 2011).

Corroborando com os autores, Brasil (2002) salienta a necessidade de uma abordagem socioecológica da saúde, onde a comunidade possa escolher por seu potencial de saúde, através do controle dos fatores determinantes de sua saúde. Por ser a comunidade, um sistema social importante, em que os fatores socioculturais influenciam a relação entre ela e a situação de saúde de sua população, é necessário, compreender sua estrutura (GOMES et al, 2016).

Buss (2000) enfatiza que as alterações de comportamentos dos indivíduos devem focar na mudança do estilo de vida das pessoas. Aponta a educação em saúde

como estratégia para o estabelecimento de barreiras contra os riscos do meio ambiente, incluindo um padrão adequado de habitação e de saneamento, um ambiente físico limpo, com atitudes e comportamentos favoráveis ao cuidado da saúde e o desenvolvimento de estratégias que permitam à população maior controle sobre sua saúde e suas condições de vida, a níveis individual e coletivo.

Nas Cartas da Promoção a Saúde (BRASIL, 2002), a promoção da saúde se dá através do fortalecimento da ação comunitária e na criação de ambientes favoráveis, na direção de um bem-estar global, onde as populações possam exercer maior controle sobre sua própria saúde e sobre o meio em que vivem.

Funasa (2007) e Sochara ORG. (2015), corroboram com Brasil (2002), destacando a mobilização comunitária, como um processo em que as pessoas compartilham necessidades, aspirações e experiências, visando à melhoria da qualidade de vida, através de linhas de ação conjuntas e do mapeamento de práticas de saneamento. Sendo dessa forma um processo que permite às pessoas exercerem coletivamente a sua responsabilidade sobre sua saúde e fazer valer seu direito enquanto cidadão (MOISÉS et al., 2010; SOCHARA ORG., 2015).

Ainda na mesma direção, os estudos de Romão et al. (2014), sugerem ações inovadoras por parte da enfermagem, com soluções construtivas para práticas sustentáveis, voltadas para educação em saúde, e para o empoderamento da população na busca de efetivação de seus direitos (educação popular em saúde) através de estratégias de enfrentamentos (BACKES et al., 2011; ROMÃO et al., 2014).

Para transformar a realidade local Camponagara et al. (2012a) sugerem a necessidade de reflexões sobre a saúde e meio ambiente, permitindo os alunos ampliarem sua percepção sobre o meio em que vivem e trabalham, estando dessa forma mais preparados para ações resolutivas junto as comunidades (VARGAS; OLIVEIRA, 2007; DORNELES; ALVES, 2010; SOARES et al., 2012).

No PPC do curso de enfermagem da UCSal, o egresso, além de atuar em todos os níveis de saúde, deve estar apto para desempenhar atividades de planejamento e gestão, atuar em equipes multidisciplinares, assessorar grupos comunitários no desenvolvimento e na formação de uma consciência sanitária.



Para tanto, é necessário trabalhar com comprometimento ambiental, com o comprometimento das pessoas e do ambiente à sua volta, ouvindo a comunidade para reconhecer as necessidades e propor ações de promoção (PINHEIRO, 2005) incluindo a prevenção, que além de eliminar/reduzir fatores de risco, avançam em condições favoráveis à saúde (STALIANO; ARAUJO, 2011).

Um outro destaque é dado também as práticas interdisciplinares, como estratégias no contexto da saúde e do saneamento (SCHMIDT, 2007; MOISÉS et al., 2010). Por meio do acesso a informações e o encontro de alternativas práticas de superação das situações de vulnerabilidade, a participação popular pode alcançar melhores condições de vida e saúde (SOUZA, 2007), incluindo ainda programas de higiene pessoal e o envolvimento das escolas (SOCHARA ORG., 2015).

A transformação da realidade local, através de mudanças educativas que visem tanto a promoção, quanto a prevenção, dão ênfase ao cuidado e não à cura (BUSS, 2000; STALIANO; ARAUJO, 2011). Para tanto, é fundamental compreender as relações entre educação e saúde como um conjunto de campos de práticas articulados na dinâmica social, numa perspectiva histórica (EVANGELISTA et al., 2017). Através da eliminação e da redução de fatores de risco, a qualidade de vida pode ser enfatizada, como fator de proteção, na direção de condições favoráveis para manutenção da saúde.

Bruzos et al. (2011), apontam a necessidade de trabalhos de conscientização da população sobre a importância do cuidado com o meio e suas consequências se ele não for devidamente cuidado. Propondo ações que controlam ou reduzem determinada doença (prevenção) e também fomentando a capacidade dos usuários para identificar necessidades individuais e coletivas (promoção).

Dessa forma, a atuação dos enfermeiros não devem se restringir as unidades de saúde, mas ao “território da saúde”, que vai muito além da simples utilização por parte do cidadão das unidades de saúde. Suas práticas devem ser centradas no indivíduo/família/comunidade também fora destas unidades, através de seu papel como mediador de mudanças positivas em prol da saúde (STALIANO; ARAUJO, 2011), integrando ações de caráter colaborativo de práticas cotidianas para melhor intervenção local (VIERO et al. 2012).

Sobre este ponto, Buss & Pellegrini Filho (2007) destacam a necessidade de ações de proteção, através das redes e apoio para fortalecer a participação das comunidades na promoção das mudanças de comportamento, com programas educativos e na criação de espaços públicos incluindo a prática de esportes e exercícios físicos. Dessa forma, a comunidade estaria capacitada para atuar na melhoria de sua saúde e qualidade de vida, incluindo uma maior participação no controle deste processo (BRASIL, 2002).

No estudo de Romão et al. (2014) foi encontrado exemplos de ações simples e efetivas dos participantes de promoção a saúde como: orientações, palestras educativas na unidade e na associação de moradores, educação em saúde nos domicílios, mutirões para prevenção de doenças. Foram ainda elencados, atentar a comunidade para habitações em encostas e morros, esgoto a céu aberto, lixo depositado em terreno baldio, riscos de desabamentos e para a falta de saneamento.

Rohr e Miranda (2010) vão mais além sugerindo soluções ambientais práticas e sustentáveis para o saneamento local, enfatizando a preservação de rios e mananciais, o uso adequado da água, a redução e a reutilização e reciclagem do lixo doméstico e a busca por soluções individuais e coletivas para o tratamento e destinação final dos esgotos domésticos.

Por conseguinte, a enfermagem pode ser um aliado na construção de ambientes saudáveis e sustentáveis, com medidas de proteção ou recuperação através de ações ambientais: como educação ambiental, o controle da contaminação simples dos ambientes de trabalho e domicílios, controle de poluição sonora, controle da qualidade disponibilidade de água potável, controle de vetores transmissores de doenças, manejo e reciclagem de resíduos sólidos, controle da qualidade dos alimentos, controle da erosão de solos, queimadas florestais, pragas, preservação de áreas verdes, enchentes, poluição de mares, lagos e rios e outros (BUSS, 2003).

Ribeiro e Bertolozzi (2002), são categóricas ao afirmarem que ações da enfermagem permeadas por uma consciência ambiental podem evitar danos ambientais que refletem na saúde, contribuindo na preservação e/ou conservação do ambiente para gerações presentes e futuras.

### 3 METODOLOGIA

*“O meio ambiente não é sinônimo de bicho e floresta. Começa no meio da gente.”*

*André Trigueiro*

De acordo com o objeto desta pesquisa, este estudo utilizou uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva, utilizando como estratégia, o estudo de caso. Pelo recorte único no tempo, o delineamento do estudo foi transversal.

“(…) trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes” (MINAYO, 2002 p.22).

O estudo de caso foi a estratégia utilizada por permitir a amplitude e profundidade do fenômeno da percepção ambiental dentro do seu contexto. Estudos de caso do tipo descritivos, na visão de Yin (2005) e Gil (2009) são utilizados por revelarem características de determinada população ou de determinado fenômeno, através da identificação, da observação, da descrição e da análise, contribuindo assim, para sua compreensão.

O local do estudo foi a Faculdade de Enfermagem da UCSal, na cidade do Salvador – Bahia. Localizada no Campus de Pituvaçu, área de grande importância ambiental, por ficar dentro do perímetro da Unidade de Conservação – Parque Metropolitano de Pituvaçu. O Parque Metropolitano de Pituvaçu (PMP) é uma área formada por fragmentos de Mata Atlântica (Salvador) e sua criação ocorreu através do Decreto 23.666 de 4 de setembro de 1973 (BAHIA, 1973), com uma área inicial de 660ha, e atualmente ocupa cerca 425 hectares.

A faculdade de enfermagem foi fundada em 1967, fundada pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Sagrada Família (Ordem Portuguesa), foi incorporada

a UCSal em 1968. Em 1992, as instalações do curso foram transferidas para o Campus de Pituáçu. O curso de enfermagem da UCSal, é uma referência no estado da Bahia, sendo a primeira faculdade privada, comunitária do Estado, completando 50 anos de existência em 2017.

A princípio foi realizado um levantamento bibliográfico, com a leitura e a análise de fontes secundárias na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo, nas bases de dados Lilacs e Google Acadêmico a partir dos trabalhos publicados em revistas e em livros especializados. Este levantamento ocorreu entre os anos de 2015 e 2017 e permitiu o aprofundamento do tema do estudo, contribuindo para a construção da fundamentação teórica e para a discussão dos resultados. No sentido de auxiliar as discussões, foram ainda analisados a matriz curricular (2010.2) e o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) cedidos pela coordenação de enfermagem.

Optou-se por trabalhar com dois instrumentos de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e a observação espontânea. Na pesquisa qualitativa, utiliza-se mais de um instrumento para facilitar e complementar a produção de conteúdos fornecidos pelos sujeitos envolvidos no processo, devido ao motivo da coleta não ser estanque.

A opção pela entrevista semiestruturada deveu ao fato de que mesmo sendo composta por questões previamente definidas, permite perguntas adicionais para maior esclarecimento por parte do pesquisador, como aponta Minayo (2010). As observações foram utilizadas para complementar as entrevistas, com intenção de apreender, de forma mais abrangente possível, as contradições e os dinamismos presentes nas falas dos participantes.

A entrevista foi construída a partir dos objetivos da pesquisa e com apoio na literatura pertinente, sendo conduzida a partir do roteiro prévio, sendo que a primeira parte considerou os dados de identificação, e segunda, os aspectos que contemplaram a percepção ambiental dos alunos e a conexão entre o meio ambiente e a saúde da população.

No intuito de refinar os procedimentos de coleta e validar a entrevista, foi realizado um pré-teste com três formandos em fevereiro de 2017, buscando os ajustes necessários e adequação das questões a respeito à percepção ambiental dos alunos e suas conexões/associações com o processo saúde–doença.

Por se tratar de estudo com seres humanos, o mesmo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UCSal para análise e aprovação. O Comitê analisou os aspectos éticos da pesquisa, no sentido de garantir os direitos dos sujeitos do estudo, assegurados na Resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS 466/12 de 2012, que incorpora, sob a ótica individual e coletiva, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos de pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UCSal, número 1.855.333 (em anexo), juntamente com as assinaturas dos: Termo de Anuência da Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação da UCSal para realização da pesquisa e do Termo de Autorização Institucional assinado pela coordenação do curso de Enfermagem.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi redigido em linguagem clara e acessível, incluindo: justificativa, objetivos e os procedimentos utilizados na pesquisa; os desconfortos e riscos possíveis; os benefícios esperados com a realização do estudo assim como, a forma de acompanhamento e assistência, no caso de ocorrências indesejáveis.

Os alunos do curso de enfermagem foram escolhidos pelo fato dos enfermeiros representarem o maior contingente de profissionais da saúde e ainda por estarem mais próximos das comunidades.

Entre os alunos de enfermagem, os formandos foram os incluídos por já terem cursado todas as disciplinas, podendo dar depoimentos mais fidedignos, referentes ao objeto deste estudo. Todos os formandos de 2017. 1 (matutino e noturno) foram convidados a participar da pesquisa.

Como o número de formandos não foi definido a priori, o ponto de corte das entrevistas foi determinado por critérios de saturação, ou seja, encerrou-se a coleta quando as falas não traziam novas percepções sobre o objeto de estudo, totalizando 18 formandos. Conforme enfatiza Minayo (2012) a saturação ocorre quando as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentam ao material obtido, se tornando repetitivas.

Foram entrevistados um total de 21 alunos, sendo excluídos os 3 formandos que participaram do pré teste, totalizando 18 participantes.

Com o intuito de assegurar o anonimato, os nomes dos alunos foram substituídos por conceitos trabalhados no Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental, a saber: Fauna, Conservação, Antrópico, Espécie, Resíduo, Oceano, Biosfera, Vetor, Mitigar, Recursos, Ecossistema, APA (Área de Proteção Ambiental), Biodiversidade, Saneamento, Bioma, Biota, Ecologia e Flora.

Para iniciar a coleta, o líder de sala foi contatado e viabilizou o acesso a turma. O convite foi estendido a todos os formandos. A coleta iniciou em fevereiro com o pré-teste (3 formandos) e nos meses de maio e junho de 2017, 18 formandos foram entrevistados.

A coleta foi realizada pela própria pesquisadora, através de observações e de entrevistas semiestruturadas (apêndice B), gravadas em gravador digital, após os esclarecimentos sobre a pesquisa e sobre o TCLE (apêndice C) devidamente assinado pelos entrevistados.

As entrevistas aconteceram nas salas de aula da UCSal, em horários pré-agendados com os formandos. O início das entrevistas ocorreram após o estabelecimento do rapport (técnica muito utilizada na Psicologia para facilitar laços de compreensão estabelecendo uma comunicação efetiva entre duas ou mais pessoas), acompanhadas pela observação, e tinham duração de 35 minutos em média.

Devido ao universo subjetivo do fenômeno da percepção ambiental, optou-se pela análise de conteúdo de Bardin que é a mais adequada para as investigações que abordam questões relativas a fenômenos subjetivos, procurando centrar a atenção na especificidade, no individual.

No primeiro momento da análise, foi realizada a caracterização dos participantes, idade, sexo, estado civil. Na análise de algumas questões, a representatividade numérica (percentual) foi estabelecida, visando uma melhor visualização dos dados coletados.

Após a gravação das entrevistas e sua transcrição na íntegra, leituras exaustivas foram realizadas com objetivo de ir além do que foi verificado nas falas dos

entrevistados, buscando destacar os conteúdos evocados, seus significados e as questões relevantes contidas no conteúdo das mensagens.

A relação entre os elementos das falas foi analisada, utilizando os critérios de exaustibilidade, representatividade, homogeneidade e de pertinência. Foram buscados os núcleos de sentido que compunham as falas e os recortes do texto em unidades centrais para análise temática.

Após o recorte das unidades centrais (palavras, frases, parágrafos), foram analisados pontos de concordância e discordância nas falas, que expressavam significados e elaborações importantes e sua interdependência com os objetivos da pesquisa, dando origem as categorias. As observações realizadas pela pesquisadora contribuíram para analisar as falas, levando em conta de que estas também expressam com fidedignidade cenários de comunicação.

Na última fase, os dados codificados e categorizados foram interpretados e ancorados no referencial teórico e no PPC do curso, visando buscar pontos de convergência e divergência, embasando as discussões dos resultados.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

*"O motivo pelo qual fiz filmes sobre o mundo subaquático reside simplesmente na minha crença de que as pessoas protegem aquilo que amam. Mas só amamos o que conhecemos."*

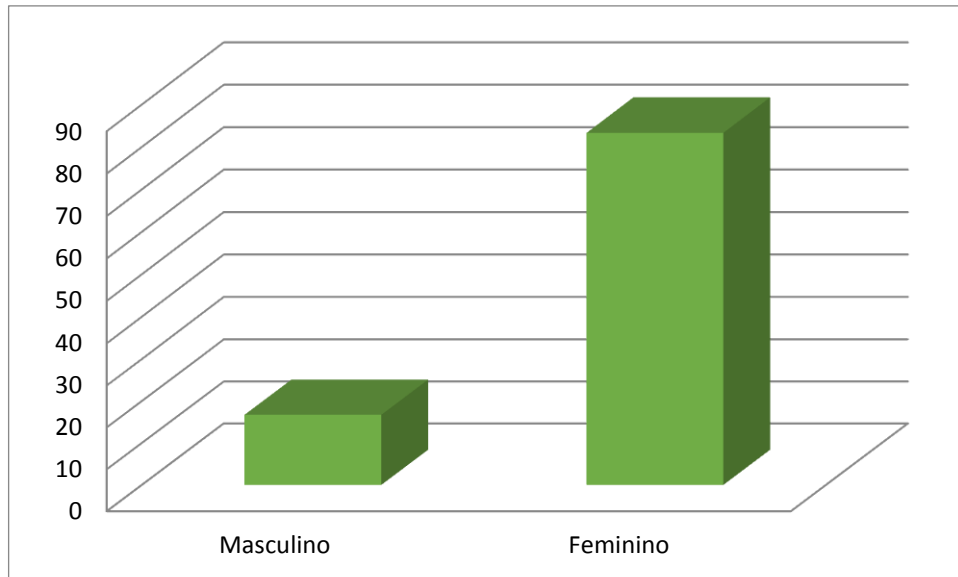
*Jacques Cousteau*

Os dados foram coletados por meio de observações e entrevistas com 21 alunos, sendo que 3 dos alunos foram excluídos, totalizando 18 formandos. Os encontros ocorreram nas salas de aulas da UCSal, e a aproximação com os participantes aconteceu de forma tranquila. Foi observado a receptividade dos alunos e a motivação em participar do estudo, porém, diante da apresentação do tema “saúde e meio ambiente”, demonstraram-se surpresos, evidenciado através de falas evasivas, risos, muitos silêncios e dúvidas. Contudo, ao final do contato, revelaram que a temática era interessante e necessária, declarando que ainda não haviam refletido sobre o assunto.

Caracterização dos participantes:

**Gráfico 1** – Características do sexo dos formandos de Enfermagem, UCSal, 2017.

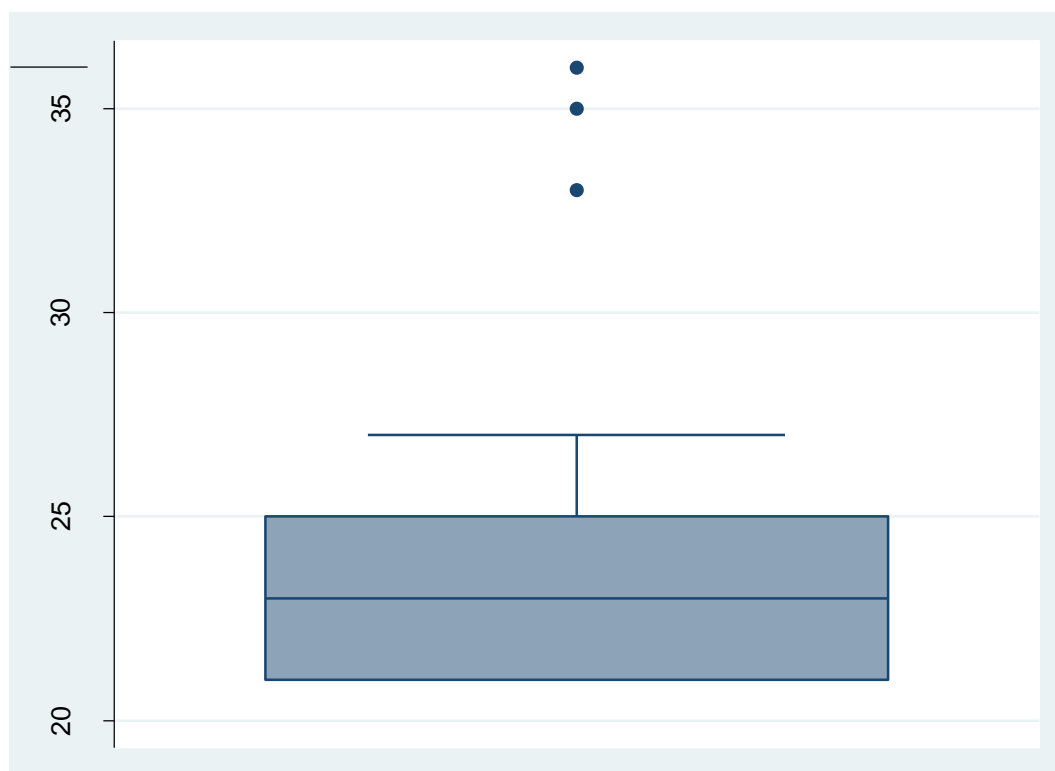




Fonte própria, 2017.

Observa-se que a maioria dos formandos entrevistados era do sexo feminino (83,3%) e cerca de 17% do sexo masculino (Gráfico 1). O maior percentual para o sexo feminino é condizente com as pesquisas na área, caracterizando a enfermagem ainda como uma profissão predominantemente feminina.

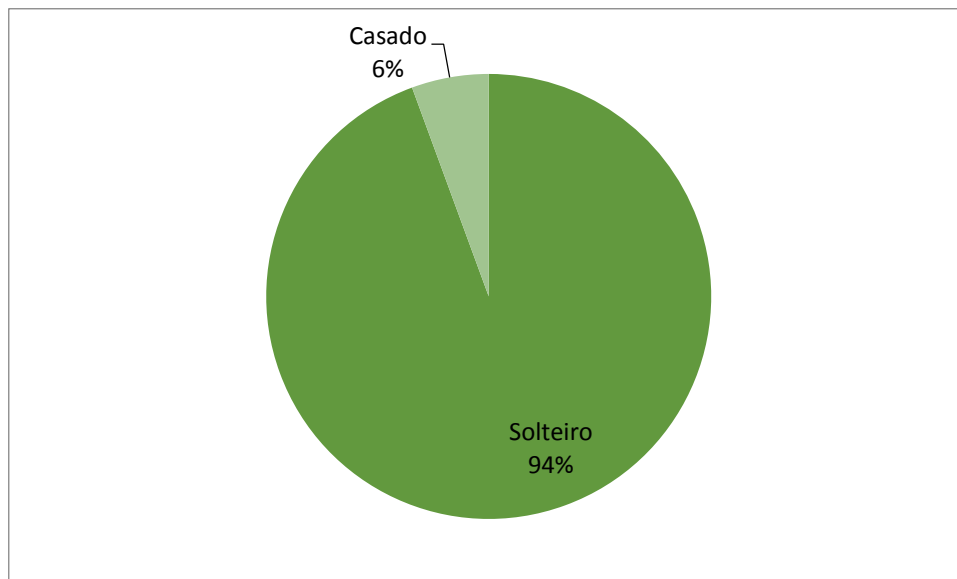
**Gráfico 2** – Box plot da variável idade dos formandos de enfermagem, UCSal, 2017.



Fonte própria, 2017.

Quanto às características da variável idade observa-se que a idade média dos estudantes foi de 24,8, com mediana de 23 anos de idade. Dentre os estudantes entrevistados verifica-se que a idade mínima corresponde a 21 anos e a máxima a 36 anos (Gráfico 2). Em relação à média de idade, a maioria dos entrevistados encontra-se na faixa etária de adultos jovens por se tratar de alunos universitários.

**Gráfico 3** – Características dos formandos de enfermagem segundo a situação conjugal, UCSal, 2017.



Fonte própria, 2017.

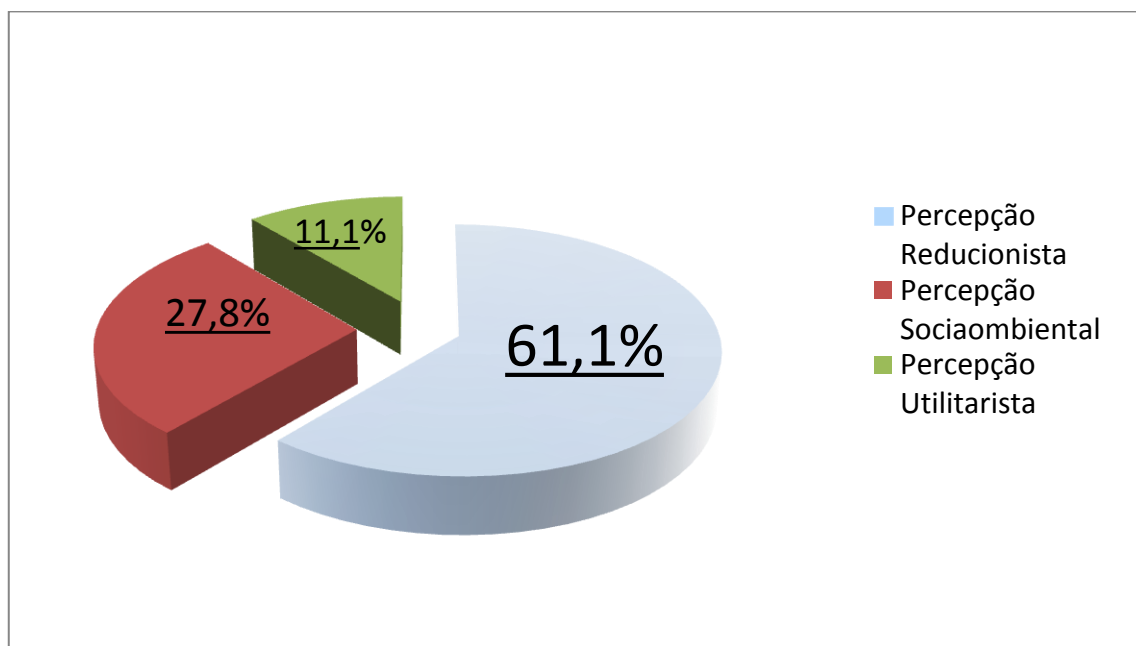
Dentre os estudantes entrevistados verifica-se que cerca de 94% têm como situação conjugal solteiros e 6% casados (Gráfico 3), situação esperada em se tratando de uma população jovem.

Embora não tenham sido encontrados na literatura estudos que investigassem especificamente percepção ambiental de formandos de enfermagem, foram encontrados estudos com outras populações que permitiram a discussão dos resultados.

#### 4.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL: CONCEPÇÕES DO MEIO AMBIENTE

Neste estudo foram encontradas três subcategorias diferentes de percepção ambiental, com as seguintes representatividades numéricas (percentuais): a reducionista (61,1%; n= 11), a socioambiental (27,8 %; n= 5) e a utilitarista (11,1%; n=2) (Gráfico 4).

**Gráfico 4** - Distribuição do tipo de Percepção ambiental dos formandos de enfermagem, UCSal, 2017.



Fonte: própria, 2017.

Os maiores resultados indicaram que a percepção do ambiente reducionista, representou 61,1% (n=11), ultrapassando mais da metade dos entrevistados. A percepção reducionista do meio ambiente transparece nas falas dos formandos:

É... É....o meio em que que vivemos, os animais, as plantas, o sol, planetas também? É tanta coisa né? O mundo é muito grande e tem de tudo. Fauna

Tudo o que nos cerca, a natureza em si, tudo mesmo. Tipo assim.... árvore, flores, frutas, pessoas, plantação, animais, pássaros, até os insetos (rsrsrs), mar, água, cachoeira, terra, sol e ar. Conservação

Posso dizer que eu entendo que é a vegetação, todos os tipo de animais, pássaros, mamíferos, reptéis, enfim tudo mesmo sem tirar nada, o meio ambiente é a floresta com as coisas que tem lá, né, é o meio natural, agua, solo com tudo.... Antrópico

A percepção socioambiental do meio apresentou um percentual de 27,8% (n= 5) entre os formandos. Os participantes falam:

(...) Acho que meio ambiente é tanto essa questão de floresta, animais, solo, águas, frio, calor e tal...é o meio em que a gente tá inserido diariamente, nossa vida e a relação com o mundo externo. Espécie

(...) aqui na cidade nos convivemos com o meio ambiente, o lugar, o urbano, o local que a gente tá inserido faz parte do meio ambiente. É tudo mesmo, biodiversidade, solos, aguas, tudo mesmo. Bioma

O meio ambiente para mim não é só a questão do ecossistema, e sim um ambiente de seres humanos em conjunto com animais, com flora, com fauna, com todo sistema social (...) A gente e o meio é uma coisa só. Oceano

Com o menor número de repostas, foi encontrada a percepção utilitarista do meio ambiente, 11,1% (n= 2).

(...) as formas de vida. (...) É o local onde tiramos tudo que precisamos, nosso meio de vida entendeu? Biosfera

Eu acho que tudo que está fora de nós.... (...) é a forma que temos para sobreviver no planeta terra. Ai de nós se não fosse o meio, a natureza. O meio é que nos fornece tudo que precisamos para sobreviver. Flora

Em relação à percepção reducionista do meio ambiente e corroborando com os achados deste estudo, resultados altos para este tipo de percepção também foi verificado na população em geral, em alunos do ensino fundamental, em alunos do

ensino médio e em professores de escolas públicas (BRASIL, 2001; MOLIN et al., 2007; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; MALAFAIA, 2009; LIMA; OLIVEIRA, 2011).

Em estudos realizados na área da saúde, com a população de trabalhadores hospitalares e estudantes de saúde, inclusive com estudantes de enfermagem, também predominaram a percepção reducionista do meio assim como com os formandos deste trabalho (PERES et al., 2014; CAMPONOGARA et al., 2011; BRUZOS et al., 2011).

Já em estudos realizados na UFRB, em uma Instituição privada, e em um Curso Técnico de Meio Ambiente, os resultados foram divergentes dos encontrados, que por serem alunos do curso de Biologia e alunos do curso técnico de meio ambiente a percepção ambiental nutrida é mais abrangente (CARDOSO et al., 2015; SILVA et al., 2017).

Achados que vão na direção oposta aos dos alunos analisados, foram os estudos com a população de enfermeiros (SOARES et al., 2012), e de docentes de enfermagem (VIERO et al., 2012). Percepções mais abrangentes do meio por parte dos enfermeiros não eram esperadas pelas autoras.

O percentual de 27,8% para a percepção socioambiental dos formandos, foi melhor do que os apresentados pela população em geral, e pelos alunos de ensino fundamental e ensino médio (BRASIL, 2001; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; MALAFAIA, 2009). Na área da saúde, com a equipe de trabalhadores do Pronto Socorro, e trabalhadores hospitalares (PERES et al., 2014; CAMPONOGARA et al., 2011), os resultados deste estudo também foram mais significativos.

Resultados melhores para a percepção socioambiental do meio ambiente, foram verificados quando se trata de alunos do curso de Biologia, alunos do curso técnico do meio ambiente, docentes de enfermagem e enfermeiros (CARDOSO et al., 2015; SILVA et al., 2017; SOARES et al., 2012; VIERO et al., 2012). Resultados melhores para alunos dos cursos de Biologia e de técnico do meio ambiente eram esperados, porém surpreenderam os resultados de enfermeiros e dos docentes.

O baixo percentual identificado para a percepção utilitarista do meio entre os formandos representaram mais de 10% da população estudada. Resultados baixos

para percepção utilitarista estão presentes também nos estudos com os alunos do ensino fundamental e médio em escolas públicas e privadas, em alunos do curso técnico em meio ambiente, em alunos do curso de Biologia e em populações que trabalham na área da saúde (RODRIGUES; MALAFAIA, 2009; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009; CARDOSO et al., 2015; SILVA et al., 2017; CAMPONOGARA et al., 2011).

Foi observado que a maioria dos participantes deste estudo concebem o meio ambiente como algo externo, restrito aos aspectos físicos naturais, e por conseguinte, este tipo de concepção pode repercutir no descompromisso do cuidado com o planeta, dificultando o senso de responsabilidade ambiental.

A percepção ambiental superficial e pouco elaborada dos formandos, não permite que o aluno tenha uma visão ampla de homem e meio ambiente como interdependentes, se eximindo do envolvimento de suas ações/responsabilidades sobre este meio.

É necessário ultrapassar a percepção reducionista, para caminhar na direção de pertencimento com o todo no desenvolvimento de uma consciência crítica e ativa que permita novas posturas e atitudes em relação ao planeta.

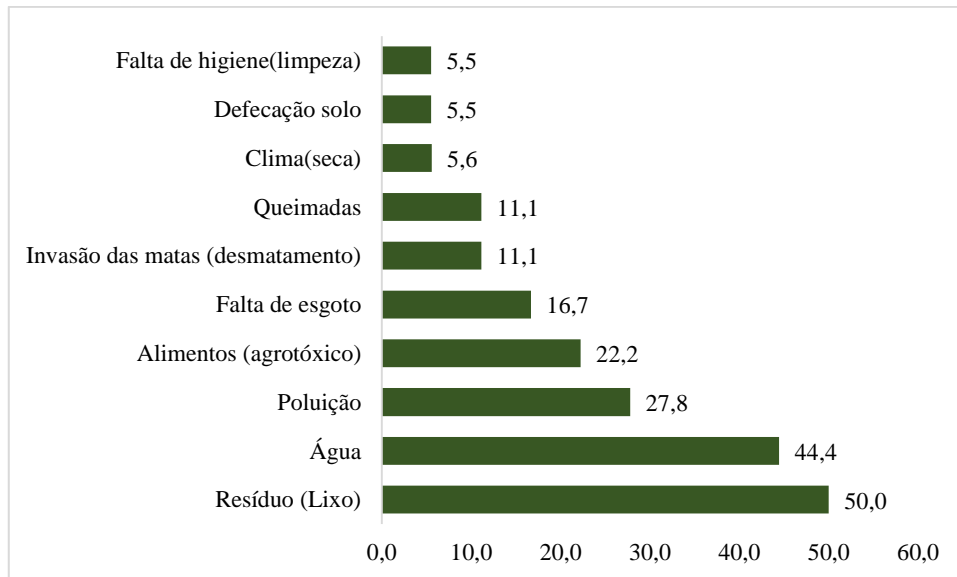
A graduação de enfermagem pode contribuir na ampliação da percepção dos alunos através de debates constantes e profundos, sensibilizando os para agir de forma responsável com o meio em que vivem.

A partir dos depoimentos dos participantes em relação ao cuidado com o meio ambiente, emergiu a segunda categoria, Interface alterações ambientais e doenças.

## **4.2 CUIDAR DO AMBIENTE: ALTERAÇÕES AMBIENTAIS E AS DOENÇAS**

Quando os sujeitos da pesquisa foram indagados acerca da relação cuidado do meio ambiente e a saúde, todas as respostas caminharam na direção das alterações ambientais, deixando de lado as questões sobre o cuidado com o meio. Foi observado que a forma que os participantes percebem a conexão saúde e meio ambiente não se dá através do cuidado, mas das alterações ambientais que impactam na saúde.

**Gráfico 5** – Frequência das alterações ambientais referidas pelos formandos de enfermagem sobre meio ambiente e saúde, UCSal, 2017.



Fonte própria, 2017.

A partir das unidades centrais (UC) presentes nos discursos dos participantes, as alterações ambientais mais citadas foram os referentes aos resíduos e a água, e as menos citadas foram as alterações climáticas, a falta de higiene e a contaminação do solo por defecação (Gráfico 5).

Entre as mais citadas, os resíduos, foram encontrados em citações diversas, como: lixo nas ruas, descarte e coleta inadequada. Em relação à água, os formandos apontaram: água contaminada, as enchentes e os alagamentos.

Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos. Referentes aos impactos dos resíduos na saúde os trabalhos de Souza (2007), Brasil (2007), Kronemberger et al. (2011) e Bruzos et al. (2011). Em relação aos problemas de saúde gerados pela água, foram encontrados trabalhos de Souza (2007), Brasil (2007), Kronemberger et al. (2011), Ayach et al., (2012) e Sochara Org. (2015).

O destaque dados pelos formandos em relação à questão dos resíduos e da água não permite tecer inferências de que os mesmos tenham uma visão da magnitude dessa interface, pelo fato de que problemas relativos à água e ao lixo atualmente ocupam excessivamente a mídia, como destacado por vários autores (REIGOTA, 2001; REIGOTA, 2007; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009; LIMA; OLIVEIRA, 2011; CAMPONOGARA et al, 2012a).

É possível inferir que os formandos percebem que as alterações ambientais impactam na saúde da população, porém não conseguem elencar nenhum tipo de cuidado e proteção com este meio no sentido de promover a saúde e prevenir as doenças. A falta de ações de cuidado com o meio, é preocupante, pois enfermeiros são os profissionais de saúde que tem grandes possibilidades de atuar junto as comunidades no enfrentamento das alterações ambientais no sentido de evitar o adoecimento.

No transcorrer da entrevista, os depoentes foram estimulados a aprofundar suas reflexões sobre a relação existente entre o meio ambiente, saúde e saneamento básico. Foi evidenciado nas falas dos alunos analisados, que o entendimento da interconexão saúde e ambiente ocorre através do saneamento precário e das doenças. As conexões encontradas foram:

(...) são as questões das doenças causadas pelo saneamento básico.... precário. (...) o saneamento precário causa a leptospirose(...) ...do mosquito do Aedes ...e ....os problemas do bebes....esqueci o nome....a microcefalia.... . Vetor

Com certeza. Se a gente tiver num local sujo sem saneamento, provavelmente as pessoas que habitam ali vão desenvolver algumas patologias pelo motivo de não ter uma limpeza adequada ,... (...) ... teria vários bichos, ratos, essas coisas e aí...tiver uma enchente ou chover, a pessoa vai pisar e vai ficar mais exposta. Espécie

... a falta de saneamento básico né produz doenças que leva a pessoa a ser internadas e lá se encontra aos cuidados da enfermagem. (...) O péssimo saneamento que a gente tem, causa várias doenças.....deixa eu ver....cólera, chikungunya, leptospirose e a diarreia. Mitigar

(...) A cidade tá um caos, saúde zero. (...)... se você tem uma população que não tem saneamento básico, coleta de lixo, água potável, esgotamento sanitário então essas pessoas vão estar diretamente expostas a várias doenças... Ecossistema

Observou nas falas que o adoecimento está atrelado à falta de saneamento adequado, evidenciando mesmo que de forma tímida que os formandos conseguem perceber uma interface saúde – ambiente. Relacionar questões ambientais e



adoecimento foi um resultado importante, devido ao fato de que cerca de um quarto das doenças e mortes estão relacionadas a fatores ambientais (SOARES et al., 2012). Porém, a interface saúde e meio ambiente voltada apenas para o adoecimento ainda é uma visão limitada que não contempla o cuidado com este meio que gera doenças e que necessita ser cuidado.

Os resultados de Camponogara et al. (2011) corroboram com os encontrados aqui. As autoras colocam que embora alunos de enfermagem consigam fazer uma ligação entre saúde e ambiente, não expressam nenhuma ação de cuidado com o meio. Os achados de Peres et al. (2014) também se equivalem aos encontrados, as autoras afirmam que a relação entre meio ambiente e a saúde é entendida como direta, embora, ainda centrada na doença.

Mesmo quando se trata de docentes de enfermagem, os estudos de Vieiro et al. (2012) concluíram que as estratégias apontadas pelos professores ainda são tímidas para o enfrentamento da questão ambiental, sendo necessário aliar saberes e práticas de intervenção na realidade local.

Pode se depreender que a limitação dada às doenças, pelos participantes desta pesquisa, indicam uma visão voltada para o reducionismo biomédico, observado em outros estudos com alunos e profissionais da área da saúde (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; RIBEIRO, 2004; VARGAS; OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA, 2006; BACKES et al., 2011; CAMPONOGARA et al. 2012a; CAMPONOGARA et al., 2012b).

Cabe enfatizar o que é colocado no relatório de Sochara Org. (2015), que a melhora da saúde só é possível através das modificações das condições que conduzem a doenças, e não da intervenção nos mecanismos da doença depois que ela ocorreu.

É possível inferir que por não conseguirem se ver como parte integrante do meio, os formandos, não se sintam responsáveis/capazes por cuidar do mesmo. A falta de visão de pertencimento, pode limitar o alcance das ações de enfermagem, inviabilizando estratégias de promoção e prevenção da saúde.

É necessário a ampliar a percepção do aluno para atitudes éticas na defesa do meio, que incluam responsabilidades de cuidado com o meio ambiente através de novas práticas de cuidado.

A falta de referência do cuidado com o meio verificada nos depoimentos dos formandos; o cuidado ecológico, é inquietante, pois como aponta Backes et al. (2011), o cuidado ecológico é aquele que estimula ações em defesa do meio ambiente, e os enfermeiros, são os profissionais que podem ampliar o conceito de saúde na perspectiva ecológica.

Partindo do exposto, os participantes foram convidados a refletir se durante seu processo formativo foi enfatizado a influência do meio no processo saúde-doença e se a dimensão ambiental foi destacada, emergindo a terceira categoria.

### **4.3 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: FORMAÇÃO: CENTRADA NA DOENÇA**

A maioria dos formandos, 55,6% (n= 10) declarou que durante a sua formação a dimensão ambiental foi contemplada, enquanto que 44,4% (n= 8) declararam que não. Dos 55,6%, citaram que a dimensão ambiental foi abordada através de disciplinas. Motivados a pensar sobre a questão da conexão saúde e meio ambiente durante a formação, ficou evidenciado nos discursos que os alunos percebem que o foco da formação é na assistência curativa:

(...) a ênfase aqui é na assistência, trabalhar com o paciente, em hospital, afinal fomos treinados para curar né? Antropico

O mais básico... é saber da atuação dentro da unidade hospitalar, é tipo clínica médica, emergência (...). Saneamento

(...) Não só na UCSal, todas as outras. O foco é sempre na doença. Ecologia

Todos os discursos caminharam na mesma direção, com ênfase em aspectos que dizem respeito ao trabalho de assistência hospitalar, depois que a doença ocorreu, deixando passar a visão reduzida do formando em relação ao processo saúde doença e sua conexão com o meio ambiente.

Os resultados dos alunos da UCSal se equivalem aos encontrados por outros estudos, onde a prioridade é o adoecimento (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; BRUZOS et al., 2011; SOARES et al., 2012; CAMPONOVARA et al., 2011; CAMPONOVARA et al., 2012a; PERES et al., 2014).

Foi ainda observado o uso de expressões que denotam a distância entre as questões ambientais e o fazer do enfermeiro:

(...) minha preocupação é mais com a assistência, com curar as pessoas, pra mim é difícil ver o enfermeiro cuidando do meio ambiente. Ecologia

Não percebo a enfermagem trabalhando com isso. O principal é referente ao paciente (...) voltado para a saúde do paciente e não voltada ao meio ambiente. Vetor

O fato de não perpassar nas falas, que o fazer da enfermagem inclui também o cuidado com o meio ambiente, demonstra uma percepção reducionista de meio sem alcançar o entendimento que o ambiente, é condicionante e determinante no processo saúde doença. Embora tenha sido encontrado no PPC do curso de enfermagem, conteúdos que contemplam a assistência considerando os diversos determinantes, entre eles os ecológicos do processo saúde doença.

Buscando compreender os resultados do estudo, foi examinada a Matriz Curricular do curso. Após a análise da Matriz (2010.2) e das ementas, foi possível identificar disciplinas que englobam aspectos da questão ambiental, a saber: Bioética e Legislação Profissional, Microbiologia e Imunologia, Filosofia, Ética e Cidadania, Parasitologia, Processos Patológicos, Epidemiologia, Vigilância a Saúde, Nutrição, Didática, Enfermagem em Saúde Coletiva I, Enfermagem em Saúde Coletiva II, Enfermagem em Administração em Rede Básica, Estágio Supervisionado de Enfermagem Coletiva e Estágio Supervisionado em Administração de Rede Básica.

Embora sejam muitas disciplinas que englobem conteúdos da dimensão ambiental, os alunos analisados não conseguem perceber a mesma durante seu processo formativo. Ao observar as falas dos formandos, cabe questionar se a percepção do aluno está mais voltada para a assistência curativa devido a formação recebida e as práticas educativas dos docentes.

Outras pesquisas na área da saúde também encontraram que a prioridade do ensino ainda está voltada para situações patológicas, em detrimento do cuidado com o ambiente, que gera doenças (RIBEIRO, 2004; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; CAMPONOGARA et al., 2011; BRUZOS et al., 2011; SOARES et al., 2012;

CAMPONOGARA et al., 2012a; CAMPONOGARA et al., 2012b; ROMÃO et al., 2014; PERES et al., 2014).

Para tanto, é necessário saber se os docentes de fato percebem a importância da conexão saúde e dimensão ambiental e a necessidade da ênfase no cuidado ecológico em suas práticas pedagógicas.

Relembrando que práticas pedagógicas em conjunto com o trabalho interdisciplinar e ancorado na dimensão ambiental como eixo transversal durante toda a formação, sensibiliza e estimula os alunos a refletir sobre seu papel no cuidado com o meio e na promoção da saúde da população. .

O limite do entendimento da interface entre o meio ambiente e a saúde, é refletida nos depoimentos sobre a atuação junto as comunidades em relação aos problemas ambientais que podem desencadear doenças. A partir dos depoimentos, emergiu a última categoria.

#### **4.4 ENFERMAGEM E COMUNIDADE: ATUAÇÃO LIMITADA**

Dos 18 entrevistados, 61,1% (n= 11) declararam não estarem preparados para atuar junto as comunidades em relação aos problemas ambientais que podem desencadear doenças. A falta de preparação pode ser percebida nos relatos:

Não me sinto preparada. O que a gente sabe que não é suficiente para gente orientar... As pessoas. Pra isso teria que fazer um curso, uma reciclagem. Aqui... foi mais clinica medica e cirúrgica, assistencial, a gente quer mesmo é trabalhar com os pacientes. Saneamento

Não, assim, eu...eu posso dar umas instruções, mas não fazer uma palestra sobre isso. Não. Instruções de como...se eu ver que é uma pessoa que desenvolveu uma doença que tem haver com a falta de higiene do local que ela vive. Eu posso instruir ela, mas mobilizar pessoas para cuidar do ambiente, não. Também aqui o centro de tudo ...é ... na assistência, só algumas matérias mostram que questão da promoção, da prevenção... mas... o foco principal é a assistência. Ecossistema.

As falas traduzem o despreparo dos alunos em perceber os sujeitos (pessoas, famílias, comunidades) de forma abrangente, integral, no contexto em que vivem. Estes resultados remetem ao distanciamento entre o campo da saúde e sua efetiva relação com as práticas de proteção ambiental ou da minimização de seus efeitos, verificados também por outros autores (VAZ-CEZAR; SENA, 2010; CAMPONOVARA et al., 2011; BRUZOS et al., 2011; CAMPONOVARA et al., 2012b; PERES et al., 2014).

Os resultados são preocupantes, levando-se em conta ao que aponta Romão et al. (2014), que os enfermeiros são profissionais importantes e devem estar preparados para atuar frente às problemáticas ambientais junto às comunidades.

Do total de formandos, 38,9% (n= 7) declaram sentir-se preparados para atuar junto às comunidades. E em seus depoimentos nota-se com clareza, a forma insipiente relacionada às possíveis práticas de cuidado com o meio ambiente:

Eu sinto que tô preparada, mas o problema é a conscientização ..... o pessoal não tem noção da limpeza, de preservar o meio ambiente, os animais. Resíduo

Talvez a enfermagem seja isso, orientar, agora que to pensando nisso. A gente até tenta né.... As vezes dá, as vezes não.... Biota

É isso,... eu tento fazer minha parte, mas mobilizar outras pessoas é mais difícil porque tem mais argumentos...eu não tenho....não consigo. APA

Rsrrsrs... só com um esforço...rsrsrcr acho que não teria condições...trabalhar com uma pessoa já é difícil, ainda mais com muitas. Espécie

Nos discursos dos alunos analisados, não foi observado nenhuma ação coordenada de proteção com o meio, mas sim, uma visão centrada nas ações depois que a doença ocorreu:

Tá muito na minha mente. (...). Nos estágios não vi enfermeiras trabalhando com a comunidade e o meio. A gente vê a enfermeira cuidando de quem chega doente no Posto. Conservação

Sim, claro. No posto a gente atende as pessoas da comunidade, cuida delas, orienta as famílias, se precisar medica, faz o que tem que ser feito. O papel da enfermagem.  
Biodiversidade

Os resultados aqui encontrados são semelhantes aos obtidos em outras pesquisas, que também remetem a ações que tem como centro o cuidar dos doentes e não do cuidado com o meio ambiente (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002; CAMPONOVARA et al. 2006; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; DORNELES; ALVES, 2010; CAMPONOVARA et al., 2011; CAMPONOVARA et al. 2012a; CAMPONOVARA et al., 2012b; ÇALVES; SÁNCHEZ, 2015).

No que tange à concretização de ações sobre atuar junto às comunidades em relação aos problemas ambientais que podem desencadear doenças, pesquisas com docentes de enfermagem, alunos de saúde e trabalhadores hospitalares, corroboraram com os resultados deste estudo (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 1999; BRUZOS et al., 2011; CAMPONOVARA et al. 2012a; CAMPONOVARA et al., 2012b; SOARES et al., 2012; VIERO et al., 2012; GONÇALVES; SÁNCHEZ, 2015).

Os resultados encontrados neste estudo, assim como em outros, apontam a falta de clareza dos alunos em relação a grande envergadura da atual problemática ambiental e seus impactos na saúde.

O reconhecimento do cuidado ecológico, englobando um modelo participativo e o empoderamento da comunidade, através da identificação e avaliação dos problemas que afetam a saúde, poderiam promover mudanças de hábitos, de práticas e de atitudes em um meio saudável (SCHMIDT, 2007; SOUZA, 2007; BACKES et al., 2009; MOISÉS et al., 2010; BAGGIO et al., 2011; SOCHARA ORG., 2015).

Buscando compreender a situação revelada, foi encontrado no PPC do curso, que a UCSal reconhece que é necessário qualificar os profissionais para planejar e intervir na realidade ambiental, na conservação, preservação, prevenção e mitigação os efeitos negativos do meio na vida humana. E o curso de enfermagem, apresenta como um dos objetivos buscar integralizar a saúde individual e coletiva, contribuindo para a ampliação do atendimento à população.

O fato de não estar sendo percebido pelos alunos a importância de sua atuação junto às comunidades, levanta o questionamento sobre o papel do docente no que diz respeito às questões ecológicas, sendo que um dos objetivos do curso é enfatizar ações pedagógicas em cursos de educação junto à população, assessorando grupos comunitários no desenvolvimento e na formação de uma consciência sanitária.

É necessário que a responsabilidade socioambiental se faça presente não apenas no PPC do curso, mas estimulada pelos docentes durante toda a formação, motivando a participação dos alunos no planejamento de ações na saúde ambiental, na prevenção e na promoção da saúde. O que é corroborado em outros estudos (CAMPONOGARA et al., 2006; VAZ-CEZAR; SENA, 2010; CAMPONOGARA et al., 2012a; PERES et al., 2014).

Para que a atuação dos enfermeiros alcance o “território da saúde”, que vai muito além da simples utilização por parte do cidadão das unidades de saúde (STALIANO e ARAUJO, 2011; VIERO et al., 2012; SOCHARA ORG., 2015), e possa proporcionar melhores condições de vida e saúde através da responsabilidade ambiental, é fundamental o papel do docente na formação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O pulsar da Terra foi alterado”.*

*Boff*

A percepção ambiental dos participantes da pesquisa em relação à conexão entre o meio ambiente e a saúde da população, foi evidenciada através de uma concepção do meio predominantemente reducionista (61,1%, n=11). A percepção reducionista, por ser superficial e pouco elaborada, deixa claro uma concepção de meio ambiente reduzido apenas aos seus aspectos naturais e sem a interação com o ser humano.

A relação entre o cuidado com o meio ambiente e a saúde é percebida de forma limitada, sendo que prevalece o adoecimento advindo das alterações ambientais, indicando ainda uma visão voltada para o reducionismo biomédico. Embora o meio ambiente seja concebido como propagador de doenças, os formandos não conseguem alcançar a necessidade de cuidar do entorno que adocece.

Verificou se que os alunos percebem a formação mais voltada para a assistência curativa, centrada no adoecimento, ao contrário do que é proposto pelo PPC do curso e da matriz curricular, o que aponta a necessidade de investigações futuras sobre o papel docente na formação.

Ainda sobre a limitação da percepção do aluno, no que diz respeito à dimensão ambiental na formação, os mesmos não se sentem preparados para atuar junto as comunidades em relação as alterações ambientais que podem desencadear doenças, indo também na direção oposta ao PPC do curso de enfermagem.

A pesquisa apresentou como uma das limitações o tempo para sua realização, não permitindo a comparação dos dados da população de alunos com a população dos docentes. E ainda, por se tratar de um estudo de corte transversal, a matriz curricular considerada foi a de 2010.2, não permitindo generalizações para outras turmas que formaram com outras matrizes.



Sugere se frente ao encontrado, outros estudos para identificar a forma que o docente percebe o meio ambiente e sua relação com a saúde, e ainda saber se suas práticas educativas estão de acordo com o PPC do curso.

Recomenda se um trabalho de sensibilização/ação com os alunos e docentes em relação a sua responsabilidade socioambiental, enfatizando a sua efetiva relação com as práticas de proteção ambiental ou da minimização de seus efeitos, nas salas de aula, nos estágios, em atividades de extensão e em atividades interdisciplinares.

Este trabalho buscou colaborar no sentido de refletir sobre a formação do enfermeiro e a possibilidade de ampliar a percepção e seu papel frente ao cuidado com o meio ambiente e sua intervenção direta na saúde da população. A partir das considerações deste estudo, foi desenvolvido o Produto Final do Mestrado Profissional.

## REFERÊNCIAS

*“Provavelmente fez se mais danos à terra no século XX do que em toda a história anterior.”*

*Jacques Cousteau*

AYACH, Lucy Ribeiro et al. Saúde, saneamento e percepção de riscos ambientais urbanos. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.22, n.37, p. 47 – 64, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Downloads/3021-14226-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

BACKES, Marli Terezinha Stein et al. Cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 5, p. 876, out., 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672011000500012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000500012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 ago. 2016.

BAGGIO, Maria Aparecida et al. Significando o cuidado ecológico/planetário/coletivo/do: ambiente à luz do pensamento complexo. **REM E – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.11-18, jan./mar., 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Downloads/v15n1a02%20(2).pdf> Acesso em: 13 ago. 2016.

BORJA, Patrícia Campos. O conceito de sustentabilidade dos serviços de saneamento: controvérsias e ambiguidades. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, X, Braga – Portugal, 16 a 19 de setembro de 2002. Anais... Braga: APESB/APRH/ABES, 2002. 18p. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd56/politica/ref.pdf> > Acesso em: 28 ago. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Artigos 196 e art 225**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Subsídios para construção da Política Nacional de Saúde Ambiental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente**. 2001b. (Pesquisa Nacional de Opinião Pública). Disponível em: <file:///C:/Users/anaerc.CEGEN/Downloads/o\_que\_o\_brasileiro\_pensa\_do\_meio\_ambiente\_e\_consumo\_sustentavel.pdf> Acesso em: 28 ago. 2016.

BRASIL. Ministérios das Cidades. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental. **Política e plano municipal de saneamento ambiental**. Brasília: 2011. Disponível em: <<http://seb-ecologia.org.br/viiiceb/pdf/562.pdf>> Acesso em: 17 set. 2016.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, abr., 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 out. 2015.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232000000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 set, 2017.

\_\_\_\_\_. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Eds.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.15-38.

BRUZOS, Gabriela Azevedo de Souza et al. Meio ambiente e enfermagem: suas interfaces e inserção no ensino de graduação. *Saúde e Sociedade*, v. 20, n. 2, abr./jun., 2011.

CAMPONOGARA, Silviamar; RAMOS, Flávia Regina Sousa; KIRCHHOF, Ana Lúcia Cardoso. The relationships between nursing and ecology: approaches and perspectives. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 398-404, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002012000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000600012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 set. 2016.

\_\_\_\_\_. A problemática ecológica na visão de trabalhadores hospitalares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 8, p. 3561-3570, ago., 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000900024&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000900024&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 26 jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000900024>.

CAMPONOGARA, Silviamar. Uma revisão sistemática sobre a produção científica com ênfase na relação entre saúde e meio ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 427-439, abr., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Saúde e meio ambiente na contemporaneidade: o necessário resgate do legado de Florence Nightingale Escola Anna Nery. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar., 2012, p. 178-184.

\_\_\_\_\_. A Responsabilidade ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 39-44, jan/mar., 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Asus/Downloads/3973-15225-1-PB.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Interface entre saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 6, p. 902-907, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002012000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000600012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 ago. 2016.

CARDOSO, Fernanda de Almeida; FRENEDOZO, Rita de Cássia; ARAÚJO; Mauro Sérgio Teixeira de. Concepções de meio ambiente entre estudantes de licenciatura em ciências biológicas, 2015. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/viewFile/4380/3006>> Acesso em: 23 abr. 2016.

CAYLA, J. A. et al. La infección por virus Zika: una nueva emergencia de salud pública con gran impacto mediático. **Gaceta Sanitaria**, v. 30, n. 6, p. 468 – 471, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911116301200>> . Acesso em 12 fev. 2018.

CECCHIN, Josimara; LIMBERGER, Leila. A importância de estudos de percepção ambiental como subsídios para a educação ambiental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA, 1. 2011, Paraná. Anais

Eletrônicos ... Paraná: UNIOESTE, 2011. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/eventos/geofronteira/anais2011/Arquivos/Artigos/GESTAO/Artigo80.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

CEZAR-VAZ, Marta Regina et al. Concepções de enfermagem, saúde e ambiente: abordagem ecossistêmica da produção coletiva de saúde na atenção básica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, p.418-425, maio/jun., 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421874009>> Acesso em: 9 ago. 2016.

CHAVES, Alan Del Carlos Gomes; SATURNINO, Elizilene Bezerra; SILVA, Francisco Tales da. Percepção ambiental dos alunos das Faculdades Integradas de Patos – FIP. Informativo Técnico do Semiárido 3, n.1, 2009. Disponível em: <<http://gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/543/3385>>. Acesso em: 24 maio 2016.

DICTORO, Vinicius Perez; GALVÃO, Davi Fortes; HANAI, Frederico Yuri. O estudo das representações sociais e da percepção ambiental como instrumentos de análise das relações humanas com a água. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 232 – 251, 2016. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/6078>> Acesso em: 03 abr. 2017.

DORNELES, Roberta Machado Pereira; ALVES, Gilberto Luiz. Saúde ambiental segundo a percepção de graduandos de um curso de enfermagem a distância em Campos Grande 2010. *HYGEIA - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 6, n. 11, p.118 - 127, dez., 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/17001/9377>> Acesso em: 02 out. 2015.

DULLEY, R. D. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

EVANGELISTA, J. G.; FLISCH, T. M. P.; pimenta, D. N. A formação dos agentes de combate às endemias no contexto da dengue: análise documental das políticas de saúde. **Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. v.11, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1219>>. Acesso em: 10 fev 2018.

FERNANDES, Roosevelt S. et al. Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2, 2004, Indaiatuba. Anais Eletrônicos ... Indaiatuba: ANPPAS, 2004. p.1-15,. Disponível em: <[http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao\\_Ambiental.pdf](http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf)> e

<[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt\\_fernandes.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt_fernandes.pdf)> Acesso em: 02 out. 2015.

FUNASA. Manual de saneamento: orientações técnicas. Engenharia de Saúde Pública. 2007. Disponível em:

<<http://www.feis.unesp.br/Home/departamentos/engenhariacivil/pos-graduacao/funasa-manual-saneamento.pdf>> Acesso em: 03 abr. 2017.

GOMES, Ana Clarissa Luna et al . Prevalência e carga parasitária da esquistossomose mansônica antes e depois do tratamento coletivo em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 243-250, June 2016 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222016000200243&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222016000200243&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 Feb. 2018.  
<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000200003>.

GONÇALVES, Maria Emília dos S.; SÁNCHEZ, Damian. Concepção do enfermeiro docente sobre meio ambiente e educação ambiental e sua interface com as práticas pedagógicas em educação ambiental. Disponível em:

<<http://revistaea.org/pf.php?idartigo=2274>> Acesso em: 03 abr. 2017.

KRONEMBERGER, Denise Maria Penna et al. Saneamento e meio ambiente. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Atlas de saneamento. 2011. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Asus/Downloads/liv53096\\_cap3%20SANEMAENTO%20AMBIENTA L.pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/liv53096_cap3%20SANEMAENTO%20AMBIENTA L.pdf)> Acesso em: 01 abr. 2017.

KRZYSCZAK, Fabio Roberto. As diferentes concepções de meio ambiente e suas visões. REI - Revista de Educação do IDEAU, Getúlio Vargas, RS, v.11, n. 23, jan./jun, 2016. Disponível em:

<[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/355\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/355_1.pdf)> Acesso em: 01 abr. 2017.

LIMA, Aguiel Messias de; OLIVEIRA, Haydée Torres de. A (re) construção dos conceitos de natureza, meio ambiente e educação ambiental por professores de duas escolas públicas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 321-337, 2011. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000200005&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 01 abr. 2017.

MALAFAIA, Guilherme; RODRIGUES, Aline Sueli de Lima. Percepção ambiental de jovens e adultos de uma escola municipal de ensino fundamental, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1178/872>> Acesso em: 03 abr. 2017.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/pea/article/view/30047>> Acesso em: 03 abr. 2017.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, Ano 6, n. 6, p. 45-51, 2005. Disponível em: <[file:///C:/Users/Asus/Downloads/3477-12938-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/3477-12938-1-PB%20(2).pdf)> Acesso em: 03 abr. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-8123200000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 set. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MOLIN, R. F.; PASQUALI, E. A.; VALDUGA, A. T. Concepções de meio ambiente formulados por estudantes de diferentes níveis de ensino. In: VIII CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 2007, Caxambu. Anais eletrônicos. Caxambu: SEB, 2007. Disponível em: Acesso em: 6 jul. 2016.

MOISES, Márcia et al. A política federal de saneamento básico e as iniciativas de participação, mobilização, controle social, educação em saúde e ambiental nos programas governamentais de saneamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2581-2591, ago., 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000500032&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000500032&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 08 abril de 2017.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental e estudos pessoas-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar? **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 131-140, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642005000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100015&lng=en&nrm=iso) e <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000100015>> Acesso em: 08 abril 2017.

LIMA NETO, A. S.; et al. dengue, zika e chikungunya - desafios do controle vetorial frente à ocorrência das três arboviroses - parte II. **Rev Bras Promoç Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 4, p: 463-466, out./dez., 2016. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5948> Acesso em: 15 fev 2018.

OLIVEIRA, Kleber Andolfato de; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **Revista Científica ANAP- Amigos da Natureza – Brasil, Paraná**, n. 1, jul. 2008.

Disponível em:

<[http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/ANAP\\_Brasil/article/view/4](http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/ANAP_Brasil/article/view/4)> Acesso em: 19 mar. 2016.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v.16, jan. /jun., 2006. Disponível em:

<<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/2779/1568>> Acesso em: 19 mar 2016.

PACHECO, Éser; SILVA, Hilton P. SILVA. Compromissos epistemológicos do conceito de percepção ambiental, 2007. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/EserPacheco.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2016.

PARANAÍBA, Nádia Ferreira; AGUIAR, Rossana Cláudia Rocha de. Serviços de saúde no Brasil e percepção ambiental: proposta de ampliação analítica sobre a Geografia da saúde: um estudo de caso sob a luz da geografia da percepção e das representações sociais. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 1, 2005. Londrina. Anais Eletrônicos ... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. Disponível em:

<<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/nadia.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2016.

PEREIRA, Suellen Silva. Gestão de resíduos de serviço de saúde e percepção ambiental: estudos de casos em unidades de saúde de Campina Grande/PB.

HYGEIA - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Uberlândia, v.7, n.12, p.106 - 126, jun/2011. Disponível em:

<[www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/viewFile/17011/9382](http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/viewFile/17011/9382)> Acesso em: 13 abr 2016.

PERES, Roger Rodrigues et al. Percepções de trabalhadores e estudantes atuantes em um pronto-socorro, sobre meio ambiente e saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 34-40, jan./mar., 2014. Disponível em:

<<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/906>> Acesso em: 13 abr 2016.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.



\_\_\_\_\_. O meio ambiente e suas representações no ensino em São Paulo, Brasil. *Unambiente*, Brasília, v. 2, n. 1, 1991.

\_\_\_\_\_. O que é educação ambiental? São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. Desafios à educação ambiental escolar. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.; OLIVEIRA, J. F. (Org.) *Educação, meio ambiente e cidadania*. São Paulo: SMA/CEAM, 1998.

RIBEIRO, Maria Celeste Soares; BERTOLOZZI, Maria Rita. A enfermagem e a questão ambiental: proposta de um modelo teórico para o exercício profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 52, n. 3, p. 365-374, set. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71671999000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671999000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 out, 2017.

RIBEIRO, Helena. Saúde Pública e Meio Ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.13, n.1, p.70-80, 2004. Disponível em: <[file:///C:/Users/Asus/Downloads/7109-9554-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/7109-9554-1-PB%20(1).pdf)> Acesso em: 13 abr. 2016.

RIBEIRO, Maria Celeste; BERTOLOZZI, Maria Rita. Reflexões sobre a participação da enfermagem nas questões ecológica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 300-8, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n4/v36n4a01>. Acesso em: 13 abr. 2016.

RODRIGUES, Aline Sueli Lima; MALAFAIA, Guilherme. O meio ambiente na concepção de discentes no município de Ouro Preto – MG. **Revista de Estudos Ambientais**, Ouro Preto, v.11, n. 2, p. 44-58, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://gorila.furb.br/ojs/index.php/rea/article/viewFile/1514/1199%20O%20MEIO%20AMBIENTE%20NA%20CONCEP%C3%87%C3%83O%20DE%20DISCENTES%20N%20MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20OURO%20PRETO-MG%20Aline%20Sueli%20Lima%20Rodrigues1%20e%20Guilherme%20Malafaia2>> Acesso em: 08 de setembro de 2016.

ROHR, Rosane Iório Tessari; MIRANDA, Dione da Conceição. Percepção dos Agentes Comunitários de Saúde sobre saneamento ambiental no município de Rio Novo do Sul-ES. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Espírito Santo, v. 12, n.1, p. 63-71, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/viewFile/287/200>> Acesso em: 06 de novembro de 2016.

ROMÃO, Livia Maria Vidal; MAIA, Evanira Rodrigues; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Riscos ambientais: percepção dos enfermeiros da estratégia da saúde em áreas adscritas. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 264-70, mar/abr., 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/13669/10459>> Acesso em: 08 set. 2016.

SALGADO, Maria Francisca de Miranda Adad; CANTARINO, Anderson Américo Alves. O papel das instituições de ensino superior na formação socioambiental dos futuros profissionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26. 2006, Fortaleza. Anais Eletrônicos ... Fortaleza: APEBRO, 2006. Disponível em:

<[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006\\_tr560372\\_8269.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr560372_8269.pdf)> Acesso em: 30 set. 2016.

SANTOS, Franco Porto dos; SOUZA, Lucas Barbosa e. Estudo da percepção da qualidade ambiental por meio do método fenomenológico. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 57-74, mai./ago. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mercator/v14n2/1984-2201-mercator-14-02-0057.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2017.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005a. Disponível em: <<http://www.foar.unesp.br/Home/projetoviverbem/sauve-ea-possibilidades-limitacoes-meio-ambiente---tipos.pdf>> Acesso em: 15 de jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005b. p. 17-44. Disponível em: <[http://web.unifoa.edu.br/portal\\_ensino/mestrado/mecasma/arquivos/sauve-l.pdf](http://web.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecasma/arquivos/sauve-l.pdf)> Acesso em: 02 abr. 2017.

SCHMIDT, Rosana Andreatta Carvalho. A questão ambiental na promoção da saúde: uma oportunidade de ação multiprofissional sobre doenças emergentes. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 373-392, 2007. Disponível em: <[http://www.midias.epsjv.fiocruz.br/upload/d/A\\_questao\\_ambiental\\_na\\_promocao\\_da\\_saude\\_-\\_uma\\_oportunidade0.pdf](http://www.midias.epsjv.fiocruz.br/upload/d/A_questao_ambiental_na_promocao_da_saude_-_uma_oportunidade0.pdf)> Acesso em: 02 abr. 2017.

SILVA, Rodrigo da Luz et al. Concepções ambientais dos estudantes do curso de Licenciatura em Biologia da UFRB. **Revista EA**, Novo Hamburgo, RS, Ano 16, n. 60, jun./ago., 2017. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2738>> Acesso em: 11 abr. 2017.

SILVA, Silvana do Nascimento. Concepções e representações sociais de meio ambiente: uma revisão crítica da literatura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., Florianópolis, 2009. Anais Eletrônicos ... Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <[http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/472/Documentos/Mural\\_PlanosdeFiscalizacao/FormacaoSocioambiental/Referencias/CONCEPCOES%20E%20REPRESENTACOES%20SOCIAIS%20DE%20MEIO%20AMBIENTE.pdf](http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/472/Documentos/Mural_PlanosdeFiscalizacao/FormacaoSocioambiental/Referencias/CONCEPCOES%20E%20REPRESENTACOES%20SOCIAIS%20DE%20MEIO%20AMBIENTE.pdf)> Acesso em: 02 abr. 2017.

SOCHARA - Society For Community Health Awareness Research and Action. Environmental sanitation - "Reflections from Practice" A Module for Community Health Practitioners, 2015. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.sochara.org/sites/default/files/Environmental-sanitation-module\\_1.pdf&gws\\_rd=cr&ei=alfrWO7KJ4qLwgSMIYLYDA](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.sochara.org/sites/default/files/Environmental-sanitation-module_1.pdf&gws_rd=cr&ei=alfrWO7KJ4qLwgSMIYLYDA)> Acesso em: 22 mar. 2017.

SOARES, Sabrina Gonçalves Aguiar et al. O que pensam os enfermeiros sobre a problemática ambiental. Revista Rene, Fortaleza, v. 13, n. 5, p. 971-82, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4075/3186>> Acesso em: 22 mar. 2017.

SOUSA, Elson Silva de. Concepções ambientais de estudantes de uma escola da rede federal de ensino: subsídios para educação ambiental, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/296485161\\_Concepcoes\\_ambientais\\_de\\_estudantes\\_de\\_uma\\_escola\\_da\\_rede\\_federal\\_de\\_ensino\\_subsidios\\_para\\_educacao\\_ambiental](https://www.researchgate.net/publication/296485161_Concepcoes_ambientais_de_estudantes_de_uma_escola_da_rede_federal_de_ensino_subsidios_para_educacao_ambiental)> Acesso em: 13 de maio de 2016.

SOUZA, Cezarina Maria Nobre. Relação saneamento-saúde-ambiente: os discursos preventivista e de promoção da saúde. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.16, n.3, p.125-137, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902007000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000300012)> Acesso em: 04 de abril de 2016.

SOUZA, Cezarina Maria Nobre; FREITAS, Carlos Machado de. O saneamento na ótica de profissionais de saneamento-saúde-ambiente: promoção da saúde ou prevenção de doenças? Engenharia Sanitária e Ambiental, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.46-53, jan./mar., 2008.

STALIANO, Pamela; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Promoção da saúde e prevenção de doenças: um estudo com agentes comunitários de saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande - MS, v. 3, n. 1, jan. - jun., p. 43-51, 2011.

TAMAIO, Irineu. A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo - São Paulo/SP. 2000. 141f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000195821>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

TINOCO, Moacir Santos. Brasil em números Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro, RJ, v. 21, p.363 -381, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Asus/Downloads/Tinoco\\_MS\\_2013\\_Meio\\_ambiente\\_Crescimento\\_economico\\_IBGE%20\(1\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/Tinoco_MS_2013_Meio_ambiente_Crescimento_economico_IBGE%20(1)%20(1).pdf). Acesso em: 11 de Abril de 2017.

VARGAS, Liliana Angel; OLIVEIRA, Thaís Fonseca Veloso de. Saúde, meio ambiente e risco ambiental: um desafio para a prática profissional do enfermeiro. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 451-455. abr/jun., 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n3/v15n3a21.pdf>> Acesso em: 13 maio 2016.

VASCO, A. P; ZAKRZEWSKI, S. B. B. O estado da arte das pesquisas sobre percepção ambiental no Brasil. *Perspectiva*, Erechim. v. 34, n.125, p. 17-28, março/2010. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/125\\_71.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/125_71.pdf)> Acesso em: 04 abr. 2016.

VAZ-CEZAR, Marta Regina; SENA, Janaina. A relação saúde ambiente nos processos de formação do profissional enfermeiro: um ensaio teórico. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 24, jan./jul., 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1562/Rela%C3%A7%C3%A3o%20saude%20-%20ambiente.pdf?sequence=1>> Acesso em: 22 set. 2016.

VIERO, Cibelle Mello et al. Percepção de docentes enfermeiros sobre a problemática ambiental: subsídios para a formação profissional em enfermagem. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 4, p. 757-765, Dez. 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072012000400005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000400005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03, nov. 2017.

Yin, R. (2005). Estudo de Caso. Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman.

## APÊNDICE A - PRODUTO FINAL

*“ (...) o homem é consciente, na medida em que conhece e tende a se comprometer com a própria realidade. “*

*Paulo Freire*

### **Contextualização:**

A predominância da percepção ambiental reducionista nutrida pelos formandos faz com que a visão de meio ambiente seja restrita apenas aos aspectos físicos naturais, dificultando a conexão entre o meio e a saúde. E embora os alunos analisados percebam o meio como propagador de doenças, não conseguiram referir nenhum tipo de cuidado no que tange às ações concretas de conservação e zelo com o ambiente.

Foi identificado que os alunos priorizam o modelo de assistência curativa, centrada no adoecimento, necessitando verificar as implicações dos docentes nesta questão. Como consequência do foco na assistência curativa, foi revelado a falta de preparo dos alunos para trabalhar com as comunidades no sentido de cuidar da ambiente visando a promoção e a prevenção da saúde.

Baseado nos resultados encontrados, pode se inferir que os alunos não se sentem comprometidos e responsabilizados em cuidar do meio ambiente, resultando em um fazer da enfermagem limitado e reduzido as vítimas das alterações ambientais.

Recordando o que foi enfatizado por Ribeiro e Bertolozzi (2002) e Romão et al. (2014), os enfermeiros, por serem o maior contingente de trabalhadores de saúde e responsáveis pela maior parte da prestação dos serviços de saúde no Brasil

precisam incorporar a dimensão ambiental em suas práticas, no engajamento das ações que visem a saúde ambiental.

Dessa forma, o trabalho da enfermagem junto as comunidades, com ações de proteção que estimulem ações em defesa do meio ambiente, pode promover a saúde num compromisso ético de responsabilidade consigo, com o outro e com o Universo.

Partindo dos resultados encontrados na dissertação do Mestrado Profissional foi elaborado como Produto Final, uma “Campanha” que tem como estratégia de ação mitigar as vulnerabilidades diagnosticadas.

### **Relevância:**

A relevância do Produto Final deve ao fato da enfermagem poder trabalhar diretamente com as comunidades, no território da saúde, desenvolvendo um elo entre a responsabilidade socioambiental e a implantação de ações de planejamento de proteção ambiental que impactam na saúde da população.

Sobre este ponto, cabe ressaltar o apontado por Brasil (2002), que a enfermagem pode ser uma aliada na construção de ambientes saudáveis e sustentáveis, através de ações simples e efetivas junto as comunidades.

### **CAMPANHA AROEIRA**

O nome da campanha foi em homenagem ao Cinquentenário do Curso de Enfermagem da UCSal, comemorado em 2017. O curso escolheu a AROEIRA como símbolo do Jubileu pelas propriedades curativas da planta.

A Campanha Aroeira pretende sensibilizar, chamando a atenção dos alunos e dos docentes, na tomada de consciência e responsabilidade ambiental, a fim de que se sintam comprometidos como cidadãos e profissionais integrantes e integrados ao meio ambiente.

As estratégias da Campanha visam a sensibilização para futuras ações preventivas e atividades promocionais na construção participativa de educação em saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade ambiental e da qualidade de vida das comunidades. Para tanto, faz-se necessário discussões e debates sobre

concepções e percepções sobre o cuidado com o meio ambiente e seus impactos na saúde.

**Frequência:** 01 semana (semestral)

**Objetivo Geral da Campanha Aroeira:**

Contribuir com a formação do enfermeiro, ampliando sua percepção sobre a importância do cuidado com o meio ambiente e sua intervenção direta na saúde da população.

**Objetivos Específicos da Campanha Aroeira:**

Proporcionar aos alunos e docentes um processo de sensibilização-reflexão-ação para a tomada de consciência de sua responsabilidade socioambiental.

Possibilitar aos alunos e docentes a percepção da interdependência saúde/meio e, conseqüentemente as mudanças de atitudes e comportamentos em relação ao cuidado com o ambiente.

Enfatizar a necessidade do cuidado ecológico, como uma ação de peso da Enfermagem.

Trabalhar com os envolvidos nos problemas socioambientais, as comunidades, planejando ações em corresponsabilidade com a população.

Elaborar práticas e estratégias de enfrentamento junto às comunidades viabilizando o controle dos fatores do meio físico que podem exercer efeitos sobre a saúde da população.

**Público Alvo:**

Alunos e docentes de enfermagem

Alunos e docentes de outras áreas do conhecimento (humanidades, saúde, exatas)

Comunidades

**Propostas:**

1) Cada semestre elencará um tema ambiental que deve ser trabalhado como conteúdo transversal em todas as disciplinas do curso, durante o semestre. Sugere

se começar pelos que foram mais citados neste estudo, as questões dos resíduos e da água.

2) No início do semestre será formada uma comissão de alunos e docentes que serão responsáveis pelo desenvolvimento das atividades da Campanha, sua avaliação e fechamento.

3) Durante a semana da CAMPANHA AROEIRA, serão desenvolvidos: oficinas, workshops, trilhas, teatros e outros com o tema ambiental escolhido no início do semestre, enfatizando a importância do cuidado ambiental e seus efeitos na saúde.

4) Rodas de Conversas serão realizadas por profissionais e docentes de saúde e de outras áreas do conhecimento, alunos e líderes das associações de bairros. As Rodas terão como alcance as necessidades da comunidade e a discussão de estratégias de intervenção junto às mesmas com ações voltadas à promoção e prevenção de doenças causadas pelo meio.

5) Ao final, a comissão fará um relatório com uma proposta de implementação de ações de saúde ambiental (feiras, palestras, encontros) junto as comunidades.

6) Esse relatório será avaliado pela coordenação do curso e poderá ser implementado, nos estágios de saúde coletiva, como uma atividade de extensão ou como atividade complementar. A partir da autorização da coordenação do curso, acontecerá o trabalho junto às comunidades.

Os alunos trabalharão com as comunidades, empoderando as para atuar no cuidado e melhoria de seu entorno na eliminação de riscos que podem contaminar o ambiente e provocar doenças. O trabalho dos alunos deverá ir além das unidades de saúde, com a mobilização popular, integrando ações de caráter colaborativo de práticas cotidianas simples visando intervenções locais.

Como sugerido por Romão et al. (2014), as orientações do alunos podem ser voltadas para: Promoção de cursos sobre a interface saúde/meio ambiente, palestras educativas nas associações de bairros, nas praças, nas paróquias, nas escolas; educação em saúde nos domicílios; mutirões para cuidar do meio e prevenir doenças, mobilizando a comunidade para a transformação da realidade local.



Através do trabalho com a população, o vínculo entre a Universidade e a comunidade se tornará mais próximo, alcançando o que foi afirmado por Ribeiro e Bertolozzi (2002); que ações da enfermagem permeadas por uma consciência ambiental podem evitar danos ambientais que refletem na saúde, contribuindo na preservação do ambiente para gerações presentes e futuras.

## APENDICE B - Instrumento de Pesquisa

Entrevista Semi Estruturada

Caracterização

Sexo: ( ) F ( ) M

Idade:

Estado Civil:

Questões Norteadoras:

- 1) Como você percebe o meio ambiente?
- 2) Você percebe alguma relação entre saúde da população e o cuidado com o meio ambiente? E com o saneamento básico?
- 3) Durante sua formação foi enfatizado a influência do meio no processo saúde-doença? A dimensão ambiental foi destacada?
- 4) Você se sente preparado para atuar junto as comunidades em relação aos problemas ambientais que podem desencadear doenças?

## **APENDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **ESTUDO: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS FORMANDOS DE ENFERMAGEM**

Eu estou sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo “Percepção ambiental dos estudantes formandos de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador” e que tem como objetivo: conhecer a percepção ambiental dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre saúde/ambiente. A proposição deste estudo visa contribuir para enfatizar a importância da saúde do ambiente para a saúde das populações.

Fui informado que esse estudo faz parte do projeto de Mestrado em Planejamento Ambiental da psicóloga Ana Emília Rosa Campos, e que precisarei comparecer a um encontro com duração de aproximadamente 1 hora, no qual será realizada uma entrevista que será gravada pela psicóloga.

Estou ciente de minha que minha privacidade será respeitada, e que, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma me identificar será mantido em sigilo e os dados somente serão utilizados para fins acadêmicos.

Em qualquer momento do estudo, tenho a liberdade de retirar meu consentimento, e deixar de participar, sem quaisquer tipos de prejuízo. Não terei nenhuma despesa pessoal para participar do estudo, assim como não terei nenhuma compensação financeira.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar como benefício indireto, perceber se a formação oferecida pela Instituição alcança uma visão mais integradora entre saúde e cuidado com o ambiente.

O principal investigador é a psicóloga Ana Emília Rosa Campos, que pode ser encontrada no endereço: Av Prof. Pinto de Aguiar, 2589, Pituaçu - Salvador, BA -

Brasil, celular (71) 999260051, e que estará disponível em qualquer momento do estudo para me esclarecer possíveis dúvidas.

No caso de desconfortos ou riscos mínimos ao participar deste estudo, poderei ser encaminhado ao Plenus (Ceac – Centro de Atendimento a Comunidade UCSal) para ser atendido pela equipe de profissionais.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Ana Emília Rosa Campos (UCSal) e Marcelo César Lima Peres (UCSal). Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura participante: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Ana Emília Rosa Campos  
(pesquisadora e psicóloga)

Marcelo César Lima Peres  
(biólogo e orientador)

## ANEXOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SALVADOR



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

**Pesquisador:** Ana Emilia Rosa Campos

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 62531516.6.0000.5628

**Instituição Proponente:** Universidade Católica do Salvador

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.855.333

**Apresentação do Projeto:**

O projeto de pesquisa intitulado "PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR" será desenvolvido na Universidade Católica do Salvador e envolverá acadêmicos de enfermagem. O pesquisador responsável é mestrando e docente do referido curso e foram apresentados todos os documentos exigidos pela legislação vigente no país.

Trata-se de um estudo de caso de abordagem quali-quantitativa, por meio de entrevista semi estruturada utilizando técnica de convergências e saturação dos conteúdos dos discursos que serão gravados e transcritos conforma a resolução 466/12.

O objetivo geral é conhecer a percepção ambiental dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre saúde/ambiente, na obtenção de informações que permitam sugerir melhorias nas vulnerabilidades encontradas. E os objetivos específicos são: Saber se o estudante percebe a relação saúde e saneamento básico; identificar se o estudante percebe a importância do enfermeiro ser responsável pelo cuidado com o ambiente; e identificar as vulnerabilidades da formação em relação ao cuidado ecológico.

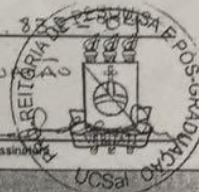
Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205  
 Bairro: Federação CEP: 40.231-902  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

## FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 40			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Ana Emília Rosa Campos			
6. CPF: 508.289.166-91		7. Endereço (Rua, n.º): JOAO BIAO DE CERQUEIRA PITUBA 274 ao 703C SALVADOR BAHIA 41630580	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (71) 9926-0081	10. Outro Telefone:	11. Email: aerc25@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 25 / 11 / 2016		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Católica do Salvador		13. CNPJ: 15.208.341/0001-24	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (71) 3206-7813		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: SILVANA SA DE CARVALHO		CPF: 545.261.828	
Cargo/Função: PRO-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO			
Data: 28 / 11 / 2016		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



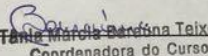
## Autorização institucional para realização da pesquisa

### AUTORIZAÇÃO

Eu, Tânia Márcia Baraúna Teixeira, enfermeira abaixo assinado, responsável pela coordenação do curso de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador, autorizo a realização do estudo "Percepção ambiental dos estudantes de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador", tendo como objetivo conhecer a percepção ambiental dos estudantes de enfermagem da UCSal, a ser conduzido pelos pesquisadores abaixo relacionados. Fui informada pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Salvador, 30 de janeiro de 2017.

  
Tânia Márcia Baraúna Teixeira  
Coordenadora do Curso  
de Enfermagem UCSal  
Assinatura e cargo do responsável institucional

#### LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES:

Ana Emília Rosa Campos (pesquisadora e psicóloga)

Marcelo César Lima Peres (biólogo e orientador)

